

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**PAULA TAVARES DE SOUZA SANTOS**

**ECOS DO FIM DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: REPERCUSSÕES DA  
MORTE DE ADOLF HITLER NOS JORNAIS DE ARACAJU (1945)**

**SÃO CRISTÓVÃO**

**2026**

**PAULA TAVARES DE SOUZA SANTOS**

**ECOS DO FIM DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: REPERCUSSÕES DA  
MORTE DE ADOLF HITLER NOS JORNAIS DE ARACAJU (1945)**

Monografia apresentada ao  
Departamento de História, do Centro  
Ciências Humanas da Universidade  
Federal de Sergipe, como requisito para  
obtenção do título Graduação.

**Orientador:** Prof. Dr. Dilton Cândido  
Santos Maynard

SÃO CRISTÓVÃO

2026

*Pois a vida é impronunciável.*

*Clarice Lispector*

## AGRADECIMENTOS

Dedico estes agradecimentos às pessoas que tiveram presença e apoio imensuráveis em minha trajetória acadêmica, expressando, em palavras, minha sincera gratidão a cada uma delas.

Foram anos marcados por aprendizado, oportunidades e companheirismo, construídos nos espaços da UFS. Essa trajetória não apenas desenvolveu minhas aptidões acadêmicas, mas também me proporcionou vivências valiosas para a vida. Assim, gostaria de agradecer àqueles que estiveram presentes desde o início, oferecendo apoio ao longo desses anos.

Expresso minha gratidão ao professor que, mais do que meu orientador, é uma figura de admiração e inspiração: o Professor Dilton Maynard. Agradeço pelos valiosos ensinamentos, pelas oportunidades de desenvolvimento acadêmico, incentivo e por sua constante paciência. Levo comigo não apenas o conhecimento histórico, mas também conselhos que certamente orientarão minha trajetória para além da vida acadêmica.

Ao Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS), em especial à Professora Andreza Maynard, pelos ensinamentos e pelas oportunidades oferecidas. Estendo também minha gratidão a Diego Leonardo, Caroline de Lara, Priscila Antônia e Liliane Andrade, pelas lições compartilhadas entre reuniões e uma boa xícara de café.

Também gostaria de agradecer ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio e financiamento das pesquisas por mim desenvolvidas ao longo da graduação. O suporte concedido foi fundamental para a realização deste trabalho, contribuindo significativamente para minha formação acadêmica e para o aprofundamento das investigações científicas.

Encontrei pessoas que levarei comigo para sempre no coração. Conheci Paulo Dias logo nos primeiros períodos da graduação e, hoje, o considero um verdadeiro irmão. Sou grata a Paulo, Júlia Victória e Mariana Siqueira pelas boas risadas compartilhadas. Encho-me de alegria ao recordar os momentos que passamos, entre tardes ociosas e a resolução de trabalhos.

Agradeço a Lucas Lacerda por estar ao meu lado em todos os momentos, oferecendo apoio constante. Obrigada por estar comigo nessa trajetória, tornou tudo mais

leve e significativo. Também não poderia deixar de mencionar uma das maiores alegrias que a graduação me proporcionou, ao conhecer minhas amigas Letícia Conceição e Juliene Kamille. Guardo com carinho a lembrança da nossa empolgação quase frenética ao lermos *A era dos Extremos*, de Eric Hobsbawm, em uma semana.

Agradeço pelo apoio de minha família, em especial ao meu pai, Pedro Tavares. Ainda que nem sempre seja bom com as palavras, seu apoio se fez presente tanto nos momentos alegres quanto nos desafios da vida universitária. Ele sempre esteve lá, me esperando voltar para casa. À minha mãe, Lúcia, e às minhas irmãs, Larissa, Letícia e Priscila Tavares, obrigada por fazerem dos meus dias mais alegres.

A todos que estiveram comigo ao longo desta jornada, deixo minha mais sincera gratidão. Guardo com carinho e afeição aqueles que caminharam ao meu lado desde o início. Foram vocês que me incentivaram a continuar.

## RESUMO

Dentre os eventos que marcaram a história da humanidade, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) destacou-se por seu impacto destrutivo nas estruturas políticas e sociais do século XX. Nesse contexto, emergiu a figura nefasta de um ditador, cuja ascensão ao poder esteve associada à mobilização de uma nação em torno de uma ideologia de caráter eugenista e hierarquizante, seu nome: Adolf Hitler. Considerando a relevância do conflito no cenário mundial, este trabalho buscou analisar a repercussão da morte de Hitler na cidade de Aracaju, atentando para as formas pelas quais esse acontecimento foi interpretado. A capital sergipana foi uma das cidades afetadas pelos horrores da Segunda Guerra Mundial. Em agosto de 1942, cinco embarcações brasileiras foram torpedeadas pelo submarino alemão *U-507* na costa dos estados da Bahia e de Sergipe. A ofensiva alemã levou o Brasil a declarar guerra às potências do Eixo (Alemanha e Itália), provocando mudanças abruptas no cotidiano da população. O estudo buscou compreender como os jornais de Aracaju narraram e interpretaram a morte do Führer, bem como identificar os discursos mobilizados em torno de sua figura e do desfecho do conflito. Para tanto, buscou-se analisar o alcance e impacto de acontecimentos no cenário internacional e a experiência cotidiana dos aracajuanos. Como fontes, foram utilizados os periódicos *Correio de Aracaju*, *Folha da Manhã*, *Sergipe Jornal* e o *Diário Oficial de Sergipe*, os quais registraram a movimentação em torno da iminente derrota do regime nazista. Do ponto de vista metodológico, o diálogo com autores como Tânia Regina de Luca, Carlo Ginzburg e Michel de Certeau possibilitou uma leitura crítica das fontes impressas. Os estudos indicam que a morte de Hitler foi amplamente noticiada, sendo interpretada como símbolo do colapso do regime nazista e do iminente término da guerra, ao mesmo tempo em que revelou percepções, expectativas do episódio por parte da sociedade aracajuana.

**Palavras-chaves:** Segunda Guerra Mundial; Adolf Hitler; Aracaju; Imprensa.

## ABSTRACT

The events that mark the history of humanity, a Second World War (1939-1945) are destacou-se por seu impacto destrutivo nas estruturas políticas e sociais do século XX. Nesse contexto, emergiu a figura nefasta de um ditador, cuja ascensão ao poder esteve associada à mobilização de uma nação em torno de uma ideologia de caráter eugenista e hierarquizante, his name: Adolf Hitler. Considerando a relevância do conflito no cenário mundial, this trabalho buscou analisar a repercussão da morte de Hitler in cidade de Aracaju, atentando para as formas pelas quais esse acontecimento foi interpretado. A capital sergipana foi uma the cidades afetadas pelos horrores da Segunda Guerra Mundial. In the month of 1942, it was embargoed in Brazil for the torpedoes of the U-507 submarine on the coast of Bahia and Sergipe. A offensive from Brazil declares the war to the power of Eixo (Germany and Italy), provocando mudanças abruptas no cotidiano da população. The book describes how the Aracaju children are told and interpreted by the leader of the Fuhrer, who identifies the mobilized discussions in the torno de sua figura e do defecho do conflito. Para tanto, buscou-se analyzer o alcance e impacto de acontecimentos no cenário internacional e a experiência cotidiana dos aracajuanos. Como fontes, foram utilizados os periódicos *Correio de Aracaju*, *Folha da Manhã*, *Sergipe Jornal* e o *Diário Oficial de Sergipe*, os quais registraram a movimentação em torno da iminente derrota do do Nazista regime. The ponto de vista metodológico, or dialogue with authors like Tânia Regina de Luca, Carlo Ginzburg and Michel de Certeau possible to have a critical guide to the fontes impressas. The studies indicate that the death of Hitler was notified, sent by the interpreter with the symbol of the Nazi regime and the imminent term of the war, in a short period of time that was revealed, expecting an episode by part of the Aracajuana society.

**Keywords:** World War II; Adolf Hitler; Aracaju; Press.

## SUMÁRIO

|                                                     |           |
|-----------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>                                   | <b>9</b>  |
| <b>CAPÍTULO 1: O começo do fim</b>                  | <b>13</b> |
| 1.1 Inimigo às portas do Reich                      | 13        |
| 1.2 Entre os escombros, a lealdade ao Fuhrer        | 17        |
| 1.3 Berlim: o último palco do Fuhrer                | 23        |
| <b>CAPÍTULO 2: Os impactos da guerra em Aracaju</b> | <b>26</b> |
| 2.1 Sob ataque: Os torpedeamentos de agosto de 1942 | 26        |
| 2.2 A capital às escuras                            | 29        |
| 2.3 Na manchete de hoje: o mundo em guerra          | 33        |
| 2.4 Entre a carestia e a expectativa de melhoras    | 36        |
| <b>CAPÍTULO 3: Dê lembranças ao Fuhrer</b>          | <b>41</b> |
| 3.1 À espera do fim                                 | 41        |
| 3.2 É anunciada a queda                             | 43        |
| 3.3 O Dia da Vitória celebrado                      | 46        |
| 3.4 E a festa continuou                             | 48        |
| 3.5 O Fuhrer está vivo?                             | 51        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                         | <b>54</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                                  | <b>56</b> |

## INTRODUÇÃO

A morte de Adolf Hitler (1889-1945) e o colapso do Terceiro Reich marcaram não apenas o desfecho de um dos conflitos mais devastadores da história, mas também inauguraram um momento de intensas disputas narrativas, incertezas e reconfigurações políticas em escala global. Embora situados no cenário europeu, esses acontecimentos rapidamente ultrapassaram fronteiras, ecoando em diferentes partes do mundo e sendo difundidos pelos meios de comunicação da época, chegando também a Aracaju.

Nesse sentido, o presente estudo buscou analisar as repercussões da morte de Hitler e do fim do Terceiro Reich nos jornais de Aracaju, buscando compreender de que maneira esses acontecimentos foram narrados, interpretados e incorporados ao cotidiano local. A investigação das experiências daquele contexto permitiu evidenciar como um evento de escala global reverberou no cotidiano aracajuano, revelando não apenas a circulação de informações, mas também as formas pelas quais esses acontecimentos foram narrados e representados.

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945), exerceu considerável impacto na capital sergipana após a ofensiva alemã contra embarcações brasileiras em agosto de 1942. Seguindo as ordens do capitão-de-corveta Harro Schacht, entre os dias 15 e 17 de agosto de 1942, o submarino U-507 torpedeou as embarcações brasileiras *Baependy*, *Araraquara*, *Aníbal Benévolo*, *Itagiba* e *Arará*, no litoral da Bahia e Sergipe. O ataque fez com que a população experimentasse algo da dimensão dos acontecimentos até então distantes, provocando mudanças abruptas no cotidiano.

Com base nos estudos sobre a temática e visando fundamentar a interpretação das fontes, foi realizada a leitura de obras como *Dias de luta: Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial*, de Andreza Maynard e Dilton Maynard (2011); *Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe* (Maynard, A.; Maynard, D., 2013); e *Segunda Guerra: Histórias de Sergipe* (Barbosa; Maynard, A.; Maynard, D., 2015). Essas produções permitiram compreender o cenário da década de 1940, bem como os impactos da Segunda Guerra Mundial na capital sergipana.

Durante o conflito, os periódicos assumiram um papel central na divulgação de informações e percepções do conflito e seus desdobramentos. Em um contexto no qual os

meios de comunicação eram limitados, os jornais foram fundamentais ao mediar a circulação de informações e construir sentidos sobre o fim da guerra, tornando-se espaços privilegiados para a observação das percepções coletivas.

Assim, para o levantamento de fontes, foram utilizados os periódicos sergipanos *Correio de Aracaju*, *Folha da Manhã*, *Sergipe Jornal* e o *Diário Oficial*, com o objetivo de analisar as narrativas e interpretações construídas em torno do fim da Segunda Guerra Mundial e seus desdobramentos no cotidiano aracajuano. Os exemplares dos periódicos foram acessados por meio do site Jornais de Sergipe (UFS).<sup>1</sup>

Conforme a historiadora Tânia Regina de Luca (2008), é importante problematizar o periódico, evitando tratá-lo como reflexo da realidade. Nesse sentido, em meio às diretrizes do Estado Novo e à atuação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), a circulação de notícias era também atravessada por mecanismos de controle, seleção e enquadramento das informações.

Ainda assim, no ano de 1945, os jornais não se limitaram à reprodução de discursos oficiais. Em suas páginas, conviviam notícias internacionais, informes governamentais e queixas da população, compondo um mosaico complexo das experiências vividas no cotidiano aracajuano.

Este estudo organiza-se em três capítulos, com o objetivo de analisar os desdobramentos e as repercussões da morte de Hitler nos periódicos sergipanos. O primeiro capítulo, dedica-se ao colapso do Terceiro Reich, evidenciando os últimos dias do Führer na capital nazista, a fim de compreender como as notícias acerca do conflito mundial eram divulgadas pela imprensa aracajuana. Busca-se observar de que maneira os acontecimentos internacionais eram apresentados ao público local, revelando as estratégias narrativas adotadas pelos jornais diante de um cenário de incertezas.

O segundo capítulo volta-se para a Aracaju que vivenciou os anos finais da guerra, destacando os impactos do conflito no cotidiano urbano. Nesse sentido, procura-se compreender como a cidade enfrentou dificuldades materiais e como a guerra interferiu diretamente na vida dos cidadãos. Durante esse período, Aracaju atravessou tensões

---

<sup>1</sup> Os exemplares dos jornais *Folha da Manhã*, *Correio de Aracaju* e *Sergipe Jornal* (1945) foram consultados por meio do acervo digital disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/>, no período de março a maio de 2026.

provocadas pela carestia, bem como por problemas recorrentes no fornecimento de energia e nos transportes. Tais adversidades não apenas afetavam a população, mas também impunham limites à atuação da imprensa local, interferindo na circulação e na produção das notícias.

Por fim, o terceiro capítulo analisa a repercussão da morte de Adolf Hitler e os acontecimentos vividos em maio de 1945 na cidade, com destaque para as celebrações do Dia da Vitória. Tais comemorações evidenciam a inserção de Aracaju em um contexto mais amplo de informações, ao mesmo tempo em que revelam como os acontecimentos globais eram divulgados no dia a dia.

Assim, compreender esses acontecimentos implica reconhecer que a imprensa não atuava como mera transmissora dos fatos, mas como agente ativo na construção de significados, contribuindo para moldar opiniões. Ao mesmo tempo em que noticiavam a derrota do nazismo e a morte de Hitler, os jornais aracajuanos registravam um ambiente marcado por ambiguidades. Se por um lado, o fim da guerra despertava sentimentos de alívio e esperança, por outro, persistiam dúvidas e especulações quanto ao destino de Hitler, revelando as incertezas que permeavam aquele momento de transição.

Ancorado nas contribuições da História do Cotidiano, este estudo parte do pressuposto de que os grandes acontecimentos históricos adquirem novos significados quando observados a partir das experiências comuns e das práticas ordinárias. Assim, é importante registrar como a História do cotidiano firmou-se como uma vertente historiográfica renovadora ao ampliar seus horizontes de investigação por meio da incorporação de temas antes pouco explorados.

As práticas ordinárias, realizadas no que chamamos de dia a dia, são, muitas vezes, esquecidas e subjugadas como simples e banais. Mary Del Priore (1997), explica que o indivíduo é uma sequência de gestos laboriosamente apreendidos em circunstâncias diversas.

Conforme Michel de Certeau (1998), o cotidiano não é um espaço passivo, mas um campo de criação constante. É nele que os indivíduos elaboram “táticas”, entendidas como ações improvisadas e muitas vezes discretas, que permitem adaptar, reinterpretar e, em certos casos, subverter as estruturas e normas impostas.

Dessa forma, ao deslocar o olhar dos grandes acontecimentos para as experiências ordinárias, a História do cotidiano evidencia esse campo como um espaço privilegiado de produção de sentidos, no qual se articulam dimensões econômicas, sociais, culturais e políticas.

Nesse sentido, observou-se que as notícias não se limitaram à transmissão dos fatos, mas participaram ativamente da construção de sentidos e práticas coletivas. As celebrações que marcaram o fim da guerra, ocuparam ruas, praças e espaços públicos, reconfigurando temporariamente a dinâmica da cidade, e transformaram Aracaju em um cenário de festejo que articulou o local ao global.

Mais do que um episódio distante, trata-se de um acontecimento que mediado pela imprensa, atravessou o cotidiano e repercutiu de diferentes formas, revelando a complexa relação entre o global e o local na construção da experiência histórica.

O estudo aqui apresentado, ao analisar a divulgação e desdobramentos da morte de Adolf Hitler e o fim da guerra na capital sergipana, se insere no conjunto de investigações de uma temática ainda pouco explorada. Marc Bloch (2001) afirmou que um dado do passado jamais se modificará, mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso e incessante, que se transforma e aperfeiçoa. Desse modo, o trabalho poderá contribuir para uma compreensão mais ampla da Segunda Guerra Mundial em Sergipe e as práticas cotidianas locais da época.

## CAPÍTULO 1: O começo do fim

### 1.1 Inimigo às portas do Reich

Uma cidade sitiada, ruas desertas, bombardeios até o anoitecer. Este era o cenário de Berlim, capital do Terceiro Reich. Nos últimos meses da Segunda Guerra Mundial, o cenário da Alemanha nazista era marcado por ruínas e pela iminência de um desfecho. “Berlim está em chamas. O caos e o pânico apoderam-se da capital, cujo os dias estão contados”, informou o jornal local *Correio de Aracaju* em 25 de abril de 1945. Conforme o historiador Ian Kershaw:

Em meio às ruínas fumegantes da grande cidade, as condições de vida se deterioravam rapidamente. A comida estava acabando. O sistema de fornecimento de água fora interrompido. Os velhos, doentes, mulheres e crianças, soldados feridos refugiados, todos se agarravam à vida em porões, abrigos lotados e estações subterrâneas enquanto o inferno se propagava na superfície. (Kershaw, 2018, p.937)

O avanço das tropas soviéticas sobre o território alemão evidenciava o colapso de um regime que, anos antes, mobilizara uma nação sob promessas de grandeza e dominação. No centro desse processo de restauração, emergiu a figura daquele que conduziria a Alemanha à sua suposta glória, aquele que regeneraria a nação e a pureza da raça ariana. Seu nome: Adolf Hitler, o Fuhrer. O conquistador que almejou dominar o mundo, falhou em sua missão. Não só ele sucumbiu, mas também suas tropas, derrotadas e sob o domínio das forças inimigas.

A guerra iniciada em 1939 com a *blitzkrieg*, a chamada guerra-relâmpago, em 1945 dava seus últimos suspiros. “Dentro de um círculo de fogo e aço, as tropas do Fuhrer tragam-se aos soldados da Liberdade ou recuam desordenadamente para o interior do Reich. A moral dessas tropas da opressão já não tem mais para onde baixar”, o *Correio de Aracaju*, em 6 de abril de 1945, já anunciava a desintegração do exército nazista.

As tropas alemãs, enfraquecidas e em constante recuo, já não conseguiam conter o avanço aliado. Naquele momento, alguns oficiais, conscientes da incapacidade de sustentar a batalha, abandonavam a linha de frente. Os soldados rendiam-se na tentativa de poupar suas vidas e quanto aos veículos bélicos, muitos encontravam-se bombardeados e sem condições de retornar às atividades. “Outros deixam cair propositalmente em mão dos

aliados, como aconteceu, em dias desta semana, com dois generais”, informava o jornal local na nota acima.

A quantidade de soldados nos *fronts* já não era suficiente para sustentar a batalha. O exército alemão encontrava-se fragilizado e vulnerável ao inimigo. Diante das grandes baixas no contingente de combatentes, anteriormente composto por homens cujo treinamento e aptidão haviam conduzido a Alemanha a importantes avanços, tornaram-se necessárias substituições imediatas.

Conforme William Shirer, “Rapazes de 15 e 18 anos de idade e homens de cinquenta a sessenta foram chamados às fileiras. Peneiraram as universidades, os colégios, os escritórios e as fábricas à cata de recrutas. Em setembro e outubro de 1944, encontrou-se meio milhão de homens para o exército.” (Shirer, 2008, p.626). Tal situação indicava a formação de um exército composto, em grande medida, por indivíduos inexperientes e sem a devida preparação para o *front* de guerra, o que contribuiu para o progressivo enfraquecimento das tropas.

Os Aliados, conscientes desse recrutamento emergencial feito pelos líderes nazistas, não tardaram a torná-lo público. Em uma guerra, toda e qualquer informação sobre o inimigo constitui-se como recurso estratégico, seja para a formulação de novas táticas militares e econômicas, seja no campo da comunicação. A medida adotada pelo governo alemão foi divulgada nos jornais aracajuano através de imagens com um certo tom de ironia.

Peter Burke (2017) incentiva o historiador ao uso das imagens como evidência histórica, de modo que não sejam utilizadas apenas como meras ilustrações, mas que partam de uma análise minuciosa capaz de suscitar novas questões. Burke afirma que o uso das imagens constitui evidência sobre a organização de acontecimentos históricos, grandes e pequenos, permitindo “imaginar” o passado de forma mais vívida.

À medida que as principais notícias da guerra chegavam aos jornais, as caricaturas também passavam a ocupar suas páginas. Conforme Burke: “historiadores — como de costume — têm de se questionar sobre quem estava contando a história, deste modo, e para quem, e quais poderiam ter sido suas intenções ao assim fazê-lo.” (Burke, 2017, p.289)

As imagens não apenas registravam os acontecimentos, mas influenciavam a maneira como eram vistos naquele momento. Por meio delas, os moradores, fossem

alfabetizados ou não, eram informados sobre o andamento do conflito, ao mesmo tempo em que eram conduzidos a construir percepções acerca da guerra e do nazismo.

Desse modo, as imagens assumiam a capacidade de politizar pessoas comuns, especialmente aquelas pouco letradas. Em 19 de março de 1945, o *Correio de Aracaju* publicou uma charge produzida pela *British News Service*:

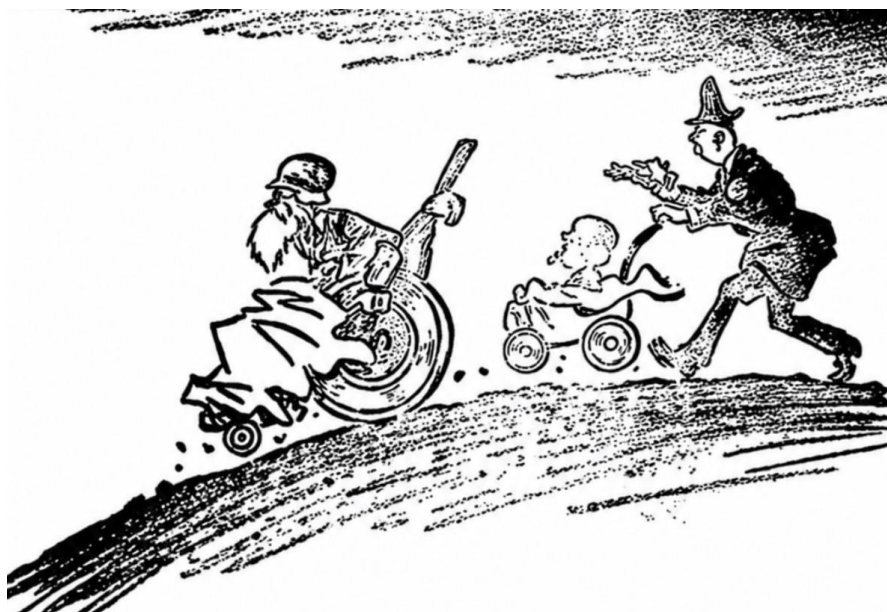


A Alemanha tem mandado grande quantidade de tropas mecanizadas.

Figura 1 - Correio de Aracaju. Aracaju, 19 de março de 1945, p.2

A imagem apresenta uma sátira ao colapso do regime nazista em seus momentos finais. Na parte superior (figura 2), observa-se a sequência de três personagens: um líder nazista, segurando uma arma em atitude ameaçadora, conduz um carrinho com uma criança. À sua frente, descendo uma ladeira de forma descontrolada, encontra-se um

homem idoso e debilitado em uma cadeira de rodas. Tanto a criança quanto o idoso são levados às pressas e sob ameaça, ambos equipados com capacetes de guerra, o que evidencia o caráter forçado e desesperado do recrutamento.



**Figura 2** - Detalhe da caricatura publicada. Fonte: Correio de Aracaju. Aracaju, 19 de março de 1945, p.2

Na parte inferior (figura 3), destaca-se uma figura isolada que, a partir de sua postura e expressões, pode ser identificada como o próprio Hitler, representado no momento de mais um de seus discursos. Contudo, diferentemente das imagens grandiosas associadas às suas aparições públicas, o cenário revela um ambiente de desordem, cercado por papéis espalhados e posicionado sobre uma caixa com a inscrição “scrap” (sucata), o ditador aparece curvado e com expressões exaltadas, gritando, aos berros.

É um cenário que apresenta não só o fracasso do Fuhrer, mas também uma ruptura com a sua imagem anteriormente construída e difundida pela propaganda nazista. Momentos como esse eram associados à grandeza, à glória e ao apoio massivo das multidões. Mas agora demonstravam o fracasso.

A legenda que acompanha a imagem: “A Alemanha tem mandado grande quantidade de tropas mecanizadas”, reforça um contraste irônico, ao fazer referência às estratégias adotadas pelos líderes nazistas no recrutamento emergencial de jovens e homens de idade avançada para o *front*.



**A Alemanha tem mandado grande quantidade de tropas mecanizadas.**

**Figura 3** - Detalhe da caricatura publicada. Fonte: Correio de Aracaju. Aracaju, 19 de março de 1945, p.2

Desse modo, a charge não apenas informa sobre o contexto da guerra, mas atua como ferramenta de construção de uma narrativa da derrota do nazismo. O recurso visual, ao mobilizar o humor e a ironia, configura-se como instrumento de persuasão, contribuindo para moldar a opinião pública e enfraquecer simbolicamente o inimigo.

### **1.2 Entre os escombros, a lealdade ao Fuhrer**

A lealdade à Hitler manteve uma esperança mesmo quando a realidade evidenciava que a Alemanha claramente caminhava para a derrota. Muitos alemães acreditavam obstinadamente em uma possível reviravolta, confiando que seu líder ainda os conduziria à vitória. Nesse momento, é fundamental considerar a influência da propaganda nazista, cujos efeitos persistiram mesmo diante do colapso, mantendo, em grande medida, as convicções da população. No comando da linha de frente da propaganda nazista, estava Goebbels, Ministro da Propaganda do Terceiro Reich.

Joseph Goebbels (1897-1945), foi o responsável pelo controle dos meios de comunicação na Alemanha nazista. Tinha como principal objetivo difundir a ideologia do regime, promover campanhas que glorificassem a figura de Hitler, legitimar o nacional-socialismo e fomentar o nacionalismo exacerbado, além de incentivar o antissemitismo entre a população alemã.

Nesse sentido, Goebbels desempenhou papel essencial na sustentação do apoio popular ao nazismo. Peter Burke (2017) afirma que os novos meios de comunicação foram fundamentais na formação de mitos em torno dos governantes. No caso de Hitler, por exemplo, suas imagens tornaram-se inseparáveis “dos muitos pôsteres que os representavam em estilo heroico quanto do rádio que amplificava suas vozes” (Burke, 2017, p. 112).

Mesmo em meio às crises e à iminente derrota, a propaganda continuou a produzir efeitos significativos. Em 12 de março, o *Correio de Aracaju* reproduziu um discurso no qual Goebbels afirmava que o Führer “levaria a atual geração à vitória, uma vez que tivesse o apoio de todos os alemães”. A ideia de dever coletivo também era constantemente reforçada, cabendo a cada alemão defender a pátria e manter-se fiel a Hitler.

Richard Evans (2018), aponta que a propaganda difundida por Goebbels, amplamente aceita pela população, sustentava que os Aliados estavam sendo manipulados por uma suposta conspiração judaica, interessada em vingar-se do povo alemão. Dessa forma, firmar a paz ou render-se não estava nos planos para nenhum alemão convicto.

Essa lógica também se evidencia em nota publicada pelo *Correio de Aracaju* em 24 de abril. Os germânicos que sintonizaram a rádio naquele dia, ouviram a seguinte mensagem dirigida ao povo: “nesta horas suprema, não esquecemos os principais da nacional-socialista e permanecemos firmes na nossa tarefa de salvar a Europa do bolchevismo. Si o inimigo [...] conquistar Berlim e Praga, a Europa não existirá mais”. Já numa nota escrita por um dos redatores do jornal local, em 6 de abril, afirmou: “A frente interna já não está suspensa, equilibrada, segura cegamente a mágica propaganda do Dr. Goebbels”.

Mesmo com a Alemanha em ruínas, a confiança de muitos alemães em Hitler não se dissipou. Esses indivíduos, cujos ideais do nacional-socialismo haviam sido profundamente incorporados, expressavam não apenas uma adesão política ao regime, mas também um compromisso ideológico que moldava sua própria visão de mundo.

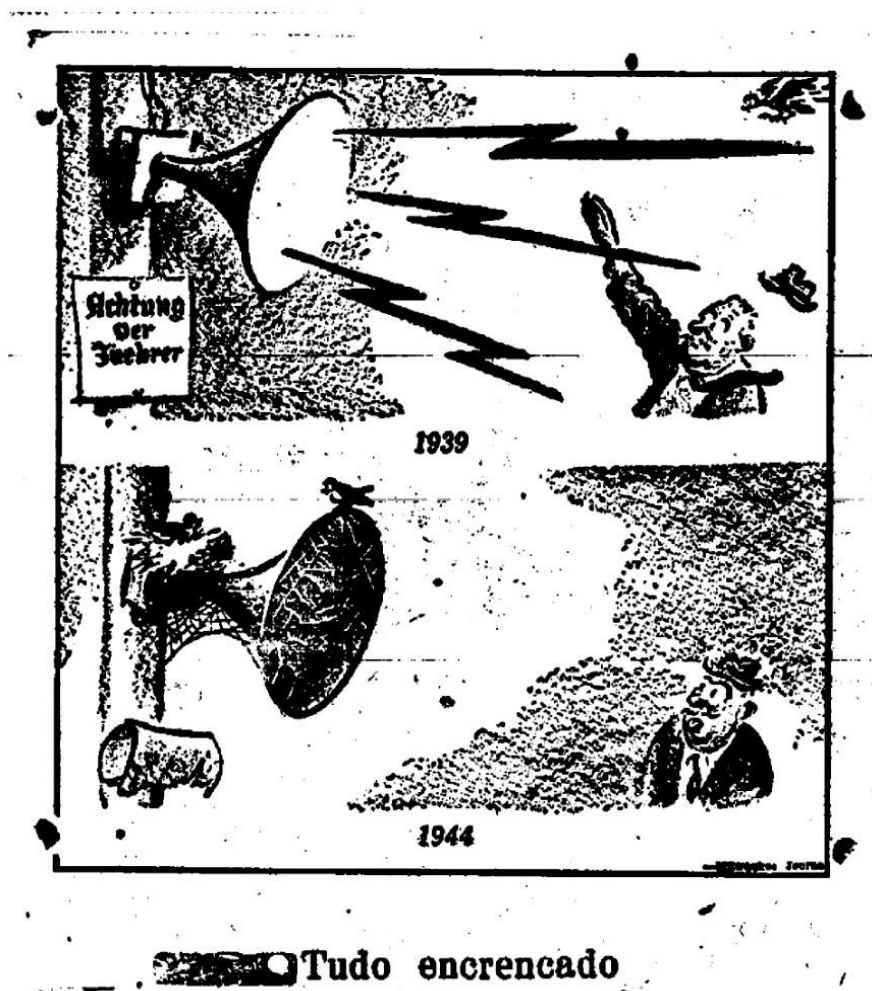
Com base nos estudos historiográficos sobre o Terceiro Reich e suas diretrizes políticas, Evans (2018) explica que existia uma relativa liberdade entre os alemães quanto a resistir ou não ao regime nazista. As medidas adotadas contra os chamados “forasteiros sociais” pela Gestapo “ajudaram a convencer a maioria acachapante dos alemães comuns

de que ao menos a lei e a ordem estavam sendo restauradas após o caos e a desordem da República de Weimar” (Evans, 2018, p. 162).

A adesão ao regime nazista, nesse contexto, não pode ser compreendida apenas como resultado de imposições forçadas, mas também como fruto de um processo gradual de convencimento à ideologia nazista. Williams Gonçalves (2005), afirma que com o enfraquecimento do sistema liberal, principalmente após a crise de 1929, “passou-se a desejar governos fortes, autoritários, capazes de superar em eficiência os instáveis sistemas parlamentares” (Gonçalves, 2005, p.169).

No contexto do pós-primeira guerra, a Alemanha encontrava-se mergulhada em uma profunda crise social, marcada pelo trauma da derrota e pela humilhação nacional. Esse cenário foi amplamente explorado em proveito do Partido Nazista. Muitos alemães passaram a reconhecer no nacional-socialismo uma resposta às crises políticas, econômicas e sociais que marcaram o período anterior. A promessa de restauração da ordem, da estabilidade e do orgulho nacional contribuiu para consolidar uma identificação significativa entre parcela da população e o regime.

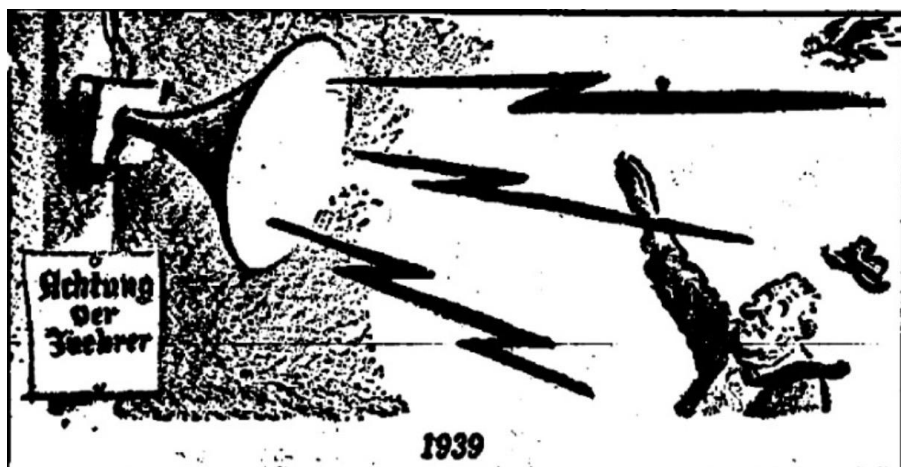
A fim de transmitir, por meio de uma imagem composta por elementos aparentemente simples, mas que revelam uma rica possibilidade interpretativa, o *Correio de Aracaju*, em 10 de janeiro de 1945, divulgou a seguinte ilustração:



**Figura 4** - Correio de Aracaju. Aracaju, 10 de janeiro de 1945, p.3

Peter Burke (2017) parte do princípio de que toda imagem possui e conta uma história. A imagem acima, por exemplo, apresenta uma composição dividida em dois tempos, um antes e um depois de uma mesma história, marcada pela ascensão e queda do Terceiro Reich.

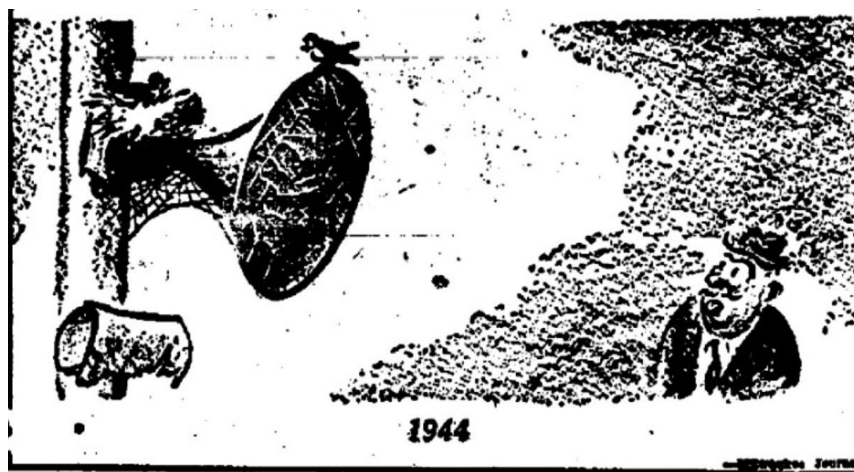
Em 1939, tudo soa alto e incontestável. A partir da imagem (figura 5), observa-se o megafone emitindo ondas sonoras intensas, amplificando a mensagem e seu alcance. Ao seu lado, um homem quase que automaticamente, ergue o seu braço em uma saudação nazista, sem hesitação. No poste, o aviso é claro: *Achtung der Fuehrer* (Respeito ao líder). A propaganda não só ecoa, mas encontra a resposta imediatamente, evidenciando a eficácia da propaganda nazista em garantir o apoio popular e sua capacidade de mobilizar as massas.



**Figura 5** - Detalhe da caricatura publicada. Fonte: Correio de Aracaju. Aracaju, 10 de janeiro de 1945, p.3

No entanto, à medida que os anos passam, o cenário já não é o mesmo. Em 1944 (figura 6), o alto falante que antes ecoava às alturas, agora está silencioso. Um pássaro repousa tranquilamente sobre o megafone, como se soubesse que dali não haveria nada que o forçasse a sair, nenhum som seria emitido. As teias de aranha o envolvem e parece que está aos poucos se fragmentando. Sua estrutura desgastada sugere que com o tempo em que esteve na guerra, ele foi se desgastando. O folheto pregado ao poste, antes era legível, agora está rasgado.

O homem permanece ali, mas já não reage da mesma forma. Seu olhar se volta para o megafone com surpresa, um pouco desorientado e talvez apreensivo. Ele parece testemunhar o fim daquilo que antes regia suas próprias ações. A legenda “Tudo encerrado”, reforça o fim da história do Terceiro Reich. O regime antes inabalável e glorioso entrou em colapso. E aqueles que estiveram ligados à ideologia nazista, também se veem diante desse desfecho.



**Tudo encrencado**

**Figura 6** - Detalhe da caricatura publicada. Fonte: Correio de Aracaju. Aracaju, 10 de janeiro de 1945, p.3

Concedida uma entrevista ao Sr. Camille Chautemps (1885–1963), político francês que já havia ocupado o cargo de primeiro-ministro e que, naquela época, encontrava-se exilado em Washington, os redatores do *Correio de Aracaju* publicaram em 31 de março uma nota com trechos de suas declarações.

Na entrevista, Chautemps afirmava não existir distinção entre os alemães. Ele era contra a tendência de separá-los em dois grupos: aqueles que hostilizavam o nazismo e aqueles que aderiram às teorias de superioridade racial. “Declarou Chautemps que todos os alemães são de um padrão dentro do espírito da ‘raça superior’ e que sua ideia de ‘blitzkriegs’ dificilmente será extinpada de seus cérebros”.

Richard Evans (2018), em dialogo com outros estudiosos, enfatiza que a visão consolidada no pós-guerra, de que o regime nazista teria se sustentado fundamentalmente pelo terror, acabou por fornecer um álibi para a maioria da população alemã, obscurecendo o fato de que, desde o início, existiu um amplo consenso de apoio ao regime.

Em 6 de abril, o *Correio de Aracaju* divulgou uma nota do jornal nazista *Schwarze Korps*, na qual admitia que o povo alemão estava a poucos dias de uma derrota completa. Mas também deixou um aviso: “os nazistas podem ser derrotados militarmente, mas nunca perderão a fé em sua missão”.

### 1.3 Berlim: o último palco do Fuhrer

Em 23 de abril de 1945, a capital sergipana recebeu a notícia oficial de que Hitler havia decidido permanecer em Berlim. “Parece assim que a fera está finalmente acuada e tem de enfrentar seus perseguidores”, informou o *Correio de Aracaju*. “Mesmo naquele momento, ele continuava a ser o propagandista, preocupado com a imagem. Fosse numa vitória gloriosa ou na autodestruição sacrificial, a última posição no bunker era necessária por motivos de prestígio” (Kershaw, 2017, p.936).

Àquela altura, já não havia mais como impedir a invasão. Restava apenas lutar até a morte. “A fúria dos combatentes e a carnificina desenfreada se registra nos combates corpo a corpo, e o sangue forma lama com o pó das ruas”. Qualquer soldado alemão que encarava o *front* compreendia que, inevitavelmente, em poucos dias, estariam todos derrotados.

O outrora glorioso Terceiro Reich estava desmoronando. Ainda assim, a recusa em desistir persistia. Richard Evans (2018) pondera sobre as razões que levaram a Alemanha a não se render. Para o historiador, o Terceiro Reich não era um Estado normal. Na concepção nazista, não havia meio-termo, ou a Alemanha alcançaria sua hegemonia, ou afundaria completamente:

Na extraordinária perspectiva de Hitler, sua tarefa histórica era continuar a luta até a destruição total—e até a autodestruição—a fim de evitar outro “novembro de 1918” e apagar a memória daquela “desgraça” para a nação. Era uma missão de honra infinitamente maior do que negociar a paz por fraqueza—algo que lançaria uma nova vergonha sobre ele e o povo alemão. (Kershaw, 2018, p.852)

Entretanto, esse cenário não impediu que, na época, circulassem notícias de que Hitler buscava a paz. Em 20 de março de 1945, o *Correio de Aracaju* informou que um jornal sueco afirmava que Hitler desejava um acordo com a Inglaterra e os Estados Unidos, e que, mesmo após a derrota, ele e Himmler permaneceriam no poder. Em nota, um dos redatores do jornal contestou tal possibilidade: “Isto como se esses dois carrascos não tivessem de responder pelos seus grandes crimes por eles praticados contra a humanidade. Os aliados não querem castigar o povo alemão. Querem, pelo contrário, reeducá-los [...]”.

Apesar dessas especulações, Hitler jamais aceitaria a derrota. Nos momentos finais da guerra, acreditava firmemente em uma conspiração e em traições dentro do próprio círculo nazista. Seus aliados, Himmler e Goering, já não eram considerados dignos de

confiança. As decisões por eles estabelecidas contrariavam as ordens do líder, sendo interpretadas como atos de deslealdade ao Führer.

Na verdade, o próprio Hitler parecia desmoronar gradativamente. Diariamente, fazia uso de diversas medicações para tratar uma extensa lista de enfermidades. A tensão de conduzir uma guerra, recebendo diariamente notícias de uma derrota iminente, somava-se às condições adversas de sua permanência no bunker, como estar sem ar fresco, estar em um território prestes a ser tomado pelo inimigo e explosões cada vez mais próximas, tornavam aqueles dias ainda mais tempestuosos para o líder nazista.

Nesse contexto, Eva Braun dirigiu-se a Berlim para lhe fazer companhia. O relacionamento entre ambos permaneceu em sigilo durante anos, vindo a público apenas após suas mortes. Hitler procurava sustentar a imagem de que seu propósito de vida estava inteiramente voltado à condução da Alemanha rumo à glória. Diferentemente dos demais, seu dever residia no compromisso absoluto com a pátria.

Sob intensos bombardeios e com a cidade em colapso do lado de fora do abrigo subterrâneo, Hitler atendeu ao desejo de sua companheira: casaram-se. “Agora, que não mais havia liderança a exercer e que sua vida estava no fim, podia com segurança entregar-se aos laços de um casamento que duraria apenas algumas horas.” (Shirer, 2008, p. 673).

William Shirer (2008) escreveu sobre os últimos momentos do Terceiro Reich até a queda de Adolf Hitler. Segundo o autor, Hitler realizava diariamente conferências de guerra, com o objetivo de discutir as questões militares. Entretanto, a conferência do dia 29 de abril revelou-se decisiva, culminando em decisões fatídicas para o regime. A situação naquele momento indicava que as tropas aliadas alcançariam a chancelaria, no mais tardar, até 1º de maio.

Hitler, que até então acreditava ser possível manter Berlim distante do avanço inimigo, informou a seus líderes que a defesa da capital havia chegado ao fim. Diante do fim iminente, declarou que, em vez de se render, optaria em dar fim à própria vida, indicando o almirante Dönitz como seu sucessor.

A partir desse momento, iniciou os preparativos para o desfecho. Despediu-se dos membros que ainda permaneciam no bunker e redigiu seu testamento. Eva Braun, por sua

vez, fez a escolha de morrer ao lado do esposo. Ambos dirigiram-se ao aposento do Fuhrer, levando consigo dois revólveres e veneno.

Minutos depois, ecoou o som de um disparo: era Hitler colocando fim à própria vida. Pouco tempo depois, de forma silenciosa, alguns presentes adentraram ao aposento e encontraram o corpo de seu líder estendido no sofá, com sua esposa ao lado. Conforme Shirer:

Eram 15:30h de 30 de abril de 1945, segunda-feira, dez dias após o 56º aniversário de Hitler e 12 anos, três meses e um dia desde que ele se tomara chanceler Alemanha e instituíra o Terceiro Reich — o qual se extinguiria dali a uma semana. [...] Os cadáveres foram levados para o jardim e, durante uma pausa nos bombardeios, colocados num buraco aberto pela explosão de uma granada e queimados com gasolina. (Shirer, 2008, p.687)

Entre os escombros de uma cidade que foi a capital nazista, agora tomada por tropas inimigas, Adolf Hitler, que mobilizou o mundo numa das guerras mais sangrentas da história da humanidade, selou, naquele momento, o desfecho do Terceiro Reich. Os planos e ideais nazistas, erguidos sobre violência, destruição e propaganda, encontraram nas ruínas, o seu fim.

## **CAPÍTULO 2: Os impactos da guerra em Aracaju**

### **2.1 Sob ataque: Os torpedeamentos de agosto de 1942**

“Aracaju é uma cidade que atrai atenção de todas as pessoas que por aqui transitam. A sua topografia, a sua natureza, a sua disposição simétrica de ruas, praças e avenidas tem merecido encômios justo de visitantes ilustres como Rocha Pombo [...] Gilberto Freire e muitos outros”. Foi assim que em 1945, o jornal *Correio de Aracaju* descreveu a cidade de Aracaju, enfatizando seus elementos que a configuravam como espaço urbano prestigiado.

A nota evidencia um discurso da valorização urbana e exaltação da modernidade. A menção à sua simetria não aparece por acaso. Ela remete ao próprio planejamento urbano de Aracaju, projetada com quarteirões regulares e ruas retas, similares a um tabuleiro de xadrez. Em meio a manguezais e vegetação extensa, consolidava-se a nova capital sergipana.

Na década de 1940, Aracaju vivia um período de transição, buscando ajustar-se ao novo ritmo de desenvolvimento que ganhava força no país, mesmo com o mundo marcado pela Segunda Guerra Mundial. Conforme Andreza Maynard (2021), a cidade possuía cerca de 59.000 habitantes, sendo considerada a mais populosa do estado.

Diante do conflito que se expandia pelo mundo, o governo brasileiro optou inicialmente por manter uma posição de neutralidade. Na época, o país era governado pelo presidente Getúlio Vargas (1882-1954). Após o golpe de Estado de 10 de novembro de 1937, instaurou-se o regime ditatorial centralizado conhecido como Estado Novo, no qual o poder permaneceu concentrado nas mãos do líder gaúcho até 1945.

Entretanto, com o avanço da guerra, o Brasil deixou gradualmente sua posição de neutralidade, aproximando-se dos Estados Unidos e rompendo relações com os países do Eixo. Ferraz (2007) afirma que o apoio mais explícito a um dos beligerantes tornaria a nação uma inimiga em potencial da outra. A partir de 1942, embarcações brasileiras passaram a ser torpedeadas por submarinos alemães. Contudo, a ofensiva alemã não se restringiu às águas internacionais.

É nesse contexto que a capital sergipana passa a estar diretamente envolvida nos desdobramentos do conflito mundial. Ao que as fontes indicam, a Segunda Guerra Mundial parecia um conflito restrito ao cenário internacional. Contudo, a ofensiva alemã às

embarcações brasileiras no litoral da Bahia e Sergipe em agosto de 1942, revelou aos moradores que a guerra estava mais próxima do que supunham:

Sergipe estava calmo. Vivendo a sua vida simples e tranquila de terra pequenina, mas laboriosa e idealista. Trabalhando, construindo, preparando seu futuro. Bem longe de Sergipe. Bem longe do seu pensamento aquela cena pungente de horror e morte de que foram teatro as suas praias infindas, cheias de areia branca e cobertas de coqueirais soberbos. Mas o punhal nazista tinha, marcado a pequenina terra [...]. (Folha da Manhã. Aracaju, 13 de novembro de 1942, p.3)

Em meio à vastidão e à aparente tranquilidade das rotas marítimas no litoral brasileiro, o primeiro estrondo ressoou. O ataque abrupto do submarino alemão *U-507*, rompeu com a distância dos brasileiros em face ao conflito mundial. Seguindo as ordens do capitão-de-corveta Harro Schacht, o submarino *U-507*, atacou as embarcações mercantes brasileiras em território nacional.

Entre os dias 15 e 17 de agosto de 1942, no litoral da Bahia e Sergipe, os navios *Baependy*, *Araraquara*, *Aníbal Benévolo*, *Itagiba* e *Arará* foram torpedeados, deixando destruição e centenas de vítimas. Segundo Dilton Maynard: “Lançados ao mar, no meio da noite, passageiros e tripulantes tiveram poucas opções de sobrevivência, haja vista que a maior parte das baleeiras não teve como ser utilizada, e que alguns camarotes foram rapidamente inundados” (Maynard, 2013, p.14).

Com o objetivo de legitimar e reforçar os motivos que levaram o Brasil à guerra, o DIP produziu uma espécie de reportagem fotográfica intitulada *Agressão: documentário dos fatos que levaram o Brasil à guerra*. A publicação reunia transcrições de depoimentos de sobreviventes, discursos de autoridades estatais e fotografias das vítimas do ataque alemão.

Ao enfatizar o caráter deliberado da ofensiva, o documento afirmava: “O ataque aos cinco navios mercantes brasileiros revestiu-se das mais evidentes características de um ato de guerra. Tendo afundado 13 barcos brasileiros em zonas distantes, desta vez, os submarinos do Eixo afrontaram-nos em nossas águas territoriais” (Imprensa Nacional, 1943, p.17).

Aos poucos, os vestígios dos ataques puderam ser vistos por alguns moradores que estavam nos arredores das praias. Corpos mutilados, destroços dos navios e diferentes materiais que estavam a bordo foram encontrados nas redondezas. No dia 18 de agosto de

1942, o *Correio de Aracaju* noticiou: “Destroços dos navios torpedeados estão dando á praia do Mosqueiro, desde ontem. E hoje, inúmeros cadáveres estão aparecendo na mesma praia”.

Raquel Assis (2016), realizou um estudo voltado à identificação das vítimas dos ataques e análise dos processos de resgate. Segundo a autora, alguns cadáveres chegaram às praias sergipanas em condições lastimáveis, apresentando mutilações, inchaços, marcas de animais marinhos e manchas deixadas pelos resíduos das embarcações.

Conforme Dilton Maynard (2013), o ato de viajar, na época, era pouco convencional no cotidiano de grande parte da população, exceto para aqueles que possuíam melhores condições financeiras. Desse modo, para muitos, a travessia pelos mares passava a ser mais que um mero deslocamento, era também um evento social. As mulheres se preparavam à altura: produziam seus cabelos com belos penteados, escolhiam jóias e adornavam-se com acessórios que valorizavam suas elegantes roupas.

Assis (2016), relata, por exemplo, que uma das passageiras do *Araraquara*, chamada de Maria de Lourdes Souza Rangel, vestia-se com seda e jersey e utilizava, ao pulso, um relógio de ouro. Os homens, por sua vez, compunham à própria imagem com relógios e trajes bem passados. Ainda segundo a historiadora: “Alguns possuíam relógios de ouro, roupas de marcas conhecidas, gravatas inglesas, sapatos de couro trançado, meias com detalhes de seda e cueca de cordonet” (Assis, 2016, p. 16). As descrições não apenas evidenciam os trajes e pertences das vítimas, mas também sugerem suas condições sociais e identidades.

Em uma guerra, muitas vezes, as distinções se desfazem. Não há diferença entre combatentes e civis, bem como entre homens, mulheres e crianças. Eric Hobsbawm (1997), destaca esse fenômeno ao chamá-lo de “estranha democratização da guerra”, na qual os conflitos totais não se restringem aos campos de batalha pois seguem ao que chama de “guerras populares”. Nesse cenário, o civil e o cotidiano passam a integrar de maneira direta as estratégias bélicas.

O historiador também pontua a nova impessoalidade trazida pela guerra. Com o avanço das novas tecnologias, o ato de matar alguém tornou-se algo remoto e frio. Com o apertado de um botão, era possível exterminar diversas vítimas ao mesmo tempo. Desse modo, os torpedeamentos às embarcações realizados pelo *U-507*, caracterizou-se por sua

impessoalidade e precisão, e as vítimas foram reduzidas à condição de alvo dentro da logística bélica.

## **2.2 A capital às escuras**

Durante a década de 1940, Aracaju foi marcada por um período de transformações e instabilidades que atravessaram o cotidiano urbano. Nesse contexto, a energia elétrica consolidou-se como um elemento fundamental na vida social, diretamente associada aos ideais de progresso e modernidade em circulação no período. Mais do que um recurso técnico, a eletricidade assumiu um papel central na organização dos serviços essenciais, tornando-se trivial para o funcionamento da cidade e a manutenção do bem estar social.

Sua atuação se fazia presente nas práticas cotidianas. As ruas iluminadas, redefiniram a experiência noturna. Os bondes transitavam pela cidade atravessando as principais ruas, aproximando bairros e pessoas. Nos lares, as transmissões da rádio conectavam os cidadãos com os acontecimentos nacionais e internacionais e, até mesmo nos momentos privados, como a leitura, que era conduzida sob a luz artificial.

Conforme indicam as fontes, a partir de 1943 registraram-se constantes quedas no fornecimento de energia elétrica, de modo que o cotidiano da população foi profundamente afetado, algo que reverberou até 1945. A instabilidade no serviço comprometia não apenas o funcionamento dos serviços essenciais, mas também alterava as práticas cotidianas.

Em nota de esclarecimento, divulgada pelo *Folha da Manhã* em dia 6 de maio de 1943, o diretor dos Serviço de Luz e Força de Aracaju (SLFA), Hormindo Menezes, também comerciante local, declarou: “A situação anormal de quase todo o continente também se faz sentir entre nós. O nosso material rodante, é, na maioria, importado do estrangeiro e a aquisição de muitas peças se torna difícilima [...] a iluminação pública será muito insuficiente”.

A nota permite uma compreensão do cenário de Aracaju em face ao conflito mundial. A fala do diretor Hormindo Menezes evidencia que os serviços básicos da capital foram afetados e que a guerra dificultou as transações comerciais entre países, o que comprometeu diretamente a manutenção elétrica da cidade.

Essa foi a justificativa de Hormindo Menezes para a crise: a dependência dos materiais importados. Entretanto, em meio a instabilidade no fornecimento de energia elétrica, houve momentos em que a guerra passou a ser apresentada como a principal justificativa para as precariedades dos serviços locais. Dessa forma, a responsabilidade dos problemas e insatisfação da população não eram conduzidas ao governo estadual, mas sim ao conflito. A cidade passou por uma sequência de impasses com os eixos das máquinas do Serviço de Luz e Força. O *Correio de Aracaju* notificou:

Às 4 horas da manhã deram-se o caso, com grande estrondo, afirmou-nos o diretor. As máquinas são movidas por um eixo central de cerca de 6 metros, que é lubrificado continuamente por uma bomba em que o óleo ha de ser posto de dez em dez minutos. A falta de óleo causou, então, o desgaste do eixo [...] A máquina de fabricação alemã e o eixo, peça de conjunto, só poderia ser feito pela fábrica vendedora, como já aconteceu uma vez. Não há esperança de fabricarmos no Brasil, informaram-nos, e teremos que esperar muitos meses por um possível concerto. (Correio de Aracaju. Aracaju, 27 de maio de 1943, p.4)

Os eixos desempenham importante função no sistema, sendo responsáveis pela distribuição e estabilidade na transmissão de força do maquinário elétrico. O fato de que a máquina e o eixo serem de fabricação alemã revela um cenário crítico para o problema de energia da cidade, afinal, no contexto do conflito mundial, o Brasil estava em guerra contra a Alemanha.

Em face à instabilidade elétrica, só existia uma solução para o impasse: o racionamento. Por meio dos jornais, o Serviço de Luz e Força solicitava: “Gaste-se o menos possível de energia, diminua-se o número de lâmpadas e de velas, é o apelo que nos cabe fazer a população”. O resultado de todo esse impasse, consolidou numa crise no cotidiano da cidade:

A partir das 7 horas até as 17 horas, o fornecimento de energia elétrica à cidade será grandemente diminuída, de vez que serão procedidos trabalhos de limpeza numa das suas máquinas geradoras. Assim, serão desligadas as chaves de 8 e 10, o que obriga, além da falta de energia as indústrias e aos bairros Santo Antônio e industrial à zona antiga Fundação, a redução do tráfego de bondes. Todavia, a chave n. 9 continuará ligada, servindo à Cabrita e há vários pontos da cidade, com energia fornecida por outras máquinas. (Diário Oficial. Aracaju, 1 de agosto de 1943, p.4)

A redução significativa da energia elétrica certamente afetou os cidadãos, de modo que passariam a reorganizar suas rotinas diárias nas atividades básicas do comércio ou domésticas. Segundo Dilton Maynard (2011), o Bairro Industrial, mencionado na notícia como uma das áreas afetadas pela falta de energia, caracterizava-se como um bairro

humilde, que possuía uma grande concentração de operários, sendo também o local onde as principais fábricas de tecido estavam localizadas.

Desse modo, haveria redução no setor industrial e consequentemente a classe operária diminuiria seu tempo de trabalho, afetando diretamente a sua renda e prejudicando as condições de vida das famílias. Além disso, a circulação de bondes permaneceu precária. Ir ao trabalho ou comércio local, agora devia ter a rota adaptada e limitada. “Mudavam-se os itinerários sem prévio aviso, testavam-se novos horários, depois retornava ao expediente regular” (Maynard, 2011, p. 90).

Nessa época, o diretor do SLFA, Hormindo Menezes, era frequentemente apresentado pelos jornais como um homem destemido para solucionar os problemas de energia. Em 19 de agosto de 1943, o *Correio de Aracaju* afirmou: tem sido incansável em suas atividades no sentido de que, o mais breve possível, se restabeleça um completo suprimento de luz à população, arrastando todas as dificuldades decorrentes da crise [...]”. É válido destacar que o DEIP articulou discursos que enalteciam as autoridades públicas, buscando legitimar suas ações e reforçar a confiança dos moradores em face aos problemas da cidade.

Segundo o *Correio de Aracaju*, a situação só obteve melhoras a partir de abril de 1944: “A treva desapareceu. A cidade voltou, desse modo a sua vida normal”. No entanto, veremos que os tempos de treva não haviam acabado plenamente, a tranquilidade foi temporária.

Ao que pode ser observado no decorrer dos anos, com o enfraquecimento do regime varguista e consequentemente a imposição da censura em seus dias finais, os jornais locais teceram críticas diretas ao serviço ineficaz da gestão de Hormindo Menezes. O mesmo diretor que era aclamado por seus serviços pelo povo, agora, era criticado abertamente pelos jornais.

Em 5 de maio de 1945, um outro eixo é quebrado e o *Correio de Aracaju* tece o acontecimento com sutil ironia: “Não há eixo que resista aos desatinos profissionais do Sr. Hormindo Menezes. [...] Não é possível tanto menoscabo pelo povo. Treis anos de treva! A cidade as escuras, sem bondes e a população resignada sofrendo, graças á teimosia do governo”.

Já numa notícia retirada do *Sergipe Jornal* em 7 de maio de 1945, o jornal transcreveu uma reclamação de um morador residente na Avenida Simão Sobral, que faz um trocadilho com o Serviço de Luz e Força de Aracaju, ao chamá-lo de “Empresa da Escuridão e Fraqueza de Aracaju”. Ele também declarou: “Peçam, senhores diretores, ao Hormindo, que deixe a direção da Empresa, que vá continuar a vender lenha, a tomar conta da torrefação de café montada em sua residência, que esses negócios são mais indolosos e menos prejudiciais à população. Naquele mesmo dia, o jornal informou:

A cidade continua em plena escuridão. Quando anoitece é uma tristeza. Em casa o cidadão não pode ler, escrever nem ouvi o rádio. Na rua, o espetáculo é de completo black-out. No entanto, nunca falta luz num palácio do governo e nas residências dos autos auxiliares da administração. Isto é um milagre que só Hormindo Menezes, Boticário eletricista, consegue realizar. Falta luz para o povo, falta luz para a rua, falta energia para a indústria, mas não falta luz para o palácio do governo que sempre vive iluminado. É por isso, talvez, que o governo ainda não resolveu o problema da luz. (*Sergipe Jornal*. Aracaju, 7 de maio de 1945, p.1).

A notícia revela uma mudança no posicionamento e discurso do jornal, marcado principalmente pelo uso da ironia e crítica direcionada às autoridades locais. O enfraquecimento no controle da censura realizada pelo DIP é evidenciada nos momentos em que a cidade se encontrava em crise. O jornal destaca a falta de energia, ao mesmo tempo que denuncia os privilégios que o Palácio do Governo tinha ao permanecer sempre iluminado.

Além disso, a falta de energia elétrica implicou no funcionamento habitual do transporte público. O racionamento instituído durante o estado de beligerância nacional impedia que carros particulares transitassem pelas ruas, por isso, muitos moradores passaram a utilizar os bondes como principal meio de locomoção.

O serviço de transporte público da capital demonstrava constantes falhas e diversos incidentes desagradáveis. Em maio de 1945, o *Sergipe Jornal* afirmou: “não há transporte para o povo, não há meios de condução coletiva, dos quais, aliás, tanto carece a gente de Aracaju”.

Os discursos e declarações emitidos afirmavam que a guerra era a responsável pelos problemas de transporte na capital e que o racionamento prejudicava a logística habitual, motivo pelo qual a população deveria contentar-se enquanto durasse o conflito. Entretanto, o jornal não se limitou a apontar as dificuldades enfrentadas pela população, mas também

fez uma observação crítica às autoridades locais, que usufruíam dos melhores carros enquanto os moradores sofriam com a precariedade do transporte:

Quando não havia guerra e sobravam carros, o secretário-geral não tinha automóvel à sua disposição, mas havia transporte para o público. Agora, que a guerra determinou o racionamento do combustível e a diminuição do uso de automóveis, o palácio, a secretaria geral, a chefatura de polícia e outras repartições públicas aumentaram o número e melhoraram a qualidade dos seus transportes, enquanto nas ruas, o povo chora a falta de bondes e marinetes. O que a guerra fez em Sergipe foi aumentar o número de carros oficiais e diminuir a possibilidade de transporte para o público sofredor. (Sergipe Jornal. Aracaju, 14 de maio de 1945, p.4)

O jornal teceu suas críticas de modo a encurralar as autoridades locais, que utilizavam a guerra como justificativa para limitar o transporte na cidade. Ao invés de reduzir os diversos problemas do transporte, governantes locais usufruíam de recursos públicos em benefício próprio, ampliando seus privilégios.

Enquanto isso, nas ruas da cidade, os moradores os avistavam fazendo uso de veículos particulares, circulando com tranquilidade em meio às dificuldades que atingiam o restante da população. Cenas como essa reforçavam a distância entre aqueles que governavam e os que vivenciavam os efeitos da crise cotidianamente.

Nesse sentido, observa-se que a imprensa já não se limitava em reproduzir os discursos oficiais, mas passou a assumir uma postura questionadora em face aos impasses cotidianos. Os mecanismos de censura encontravam-se em declínio, juntamente com o próprio regime varguista.

### **2.3 Na manchete de hoje: o mundo em guerra**

No alvorecer de mais um dia, antes mesmo que as ruas de Aracaju se enchessem de movimento, os jornais já circulavam de mão em mão, levando consigo fragmentos de um mundo em guerra. Em suas páginas, o conflito que se desenrolava ganhava forma, e os leitores locais eram apresentados ao *front* por meio de fotografias, manchetes e colunas que retratavam a guerra.

Em meio ao turbilhão de notícias que atravessavam o período, os jornais consolidaram-se como um dos meios mais acessíveis de informação, alcançando diferentes camadas da população aracajuana. O *Correio de Aracaju*, por exemplo, fundado em 1906, localizado na Avenida Rio Branco, nº 34, e dirigido pelo Sr. Luiz Garcia, exemplifica bem essa dinâmica. O periódico oferecia diferentes modalidades de assinatura, seja anuais,

semestrais, mensais e diárias, dessa forma, o jornal ampliava suas possibilidades de circulação. Em 1945, era possível adquirir um exemplar pelo valor de Cr\$ 0,30.

Além dos textos, as fotografias, ilustrações e manchetes em destaque cumpriam um papel fundamental, traduzindo visualmente os impactos da guerra e tornando a informação compreensível. Assim, a imprensa ampliava seu alcance e consolidava-se como um importante difusor de notícias internacionais e locais.

Conforme Tânia Regina de Luca (2008), historicizar a fonte impressa requer a análise das condições técnicas de sua produção, bem como a averiguação de tudo aquilo de que o jornal dispunha, do que foi selecionado e dos motivos dessas escolhas, além da compreensão da função social desses impressos.

Com base na análise dos periódicos sergipanos, observa-se que os jornais dispunham, em média, de quatro a seis páginas diárias. Quando se tratava das notícias sobre a guerra, os *fronts*, Hitler e a situação em que se encontrava a Alemanha nazista, os jornais aracajuano posicionavam essas informações logo nas primeiras páginas, frequentemente acompanhadas da indicação da agência internacional responsável pela divulgação da nota.

Em sequência, quando o jornal publicava comentários próprios ou considerações sobre algum evento de destaque da guerra, esses textos eram geralmente direcionados às páginas seguintes. As páginas intermediárias também eram ocupadas por notícias esportivas, especialmente sobre futebol, além de anúncios de comerciantes locais e peças publicitárias.

Por outro lado, as informações relativas ao cotidiano eram majoritariamente destinadas às últimas páginas. Nelas, concentravam-se reclamações, queixas, convites para bailes e festas de clubes, bem como informes locais, compondo um espaço voltado às experiências cotidianas.

Os periódicos não eram apenas objetos de leitura individual, mas também eram compartilhados. Passavam de mão em mão, eram lidos em voz alta nas portas dos comércios, nas praças e nas esquinas, permitindo, muitas vezes, que mesmo aqueles que não dominavam a leitura pudessem acompanhar os acontecimentos.

Michel de Certeau (1998), compreende a leitura como uma “produção silenciosa”. Ainda que os jornais organizassem as informações segundo interesses e estratégias específicas, o leitor não se limitava a absorvê-las passivamente, mas as reinterpretava e

delas se apropriava conforme suas experiências e realidade. Assim, mesmo os cidadãos inseridos em uma estrutura de controle, exerciam certa liberdade ao ler e comentar o que era publicado.

Ao analisar jornais, é possível identificar tanto as normas e discursos dominantes quanto os indícios das práticas e resistências presentes na vida cotidiana, tornando a imprensa uma fonte privilegiada para compreender as múltiplas dimensões das práticas cotidianas.

O problema com a falta de energia, citado anteriormente, também passou a impactar diretamente a circulação diária dos jornais. No dia 20 de agosto de 1943, em destaque na primeira página, o *Correio de Aracaju* informou: “Devido à absoluta falta de energia hoje, não foi possível compor o nosso serviço telegráfico”. Sem os telegramas, os editores ficavam privados de informações tanto nacionais quanto internacionais, interrompendo o fluxo de notícias que conectava a cidade aos acontecimentos do mundo em guerra.

Em nota divulgada pelo *Folha da Manhã*, o jornal afirmava que “sustenta um serviço telegráfico transmitido pela poderosa agência inglesa ‘Reuters’, que custa um pouco de sacrifício”. Andreza Maynard (2020) explica que durante o conflito, a agência Reuters funcionava como um importante centro de captação e distribuição de informações. “As notícias eram transmitidas mais frequentemente via rádio e telégrafo. Com isso, as informações poderiam chegar até mesmo às grandes e pequenas cidades” (Maynard, 2020, p. 24).

Para manter esses serviços, no entanto, não se exigia apenas esforço financeiro, mas também condições técnicas que, ao que as fontes indicam, nem sempre estavam asseguradas durante esse período. Para que as notícias continuassem a chegar às páginas dos jornais, era necessário superar um impasse: a ausência de energia elétrica.

Meses se passaram e a situação que a princípio parecia um pequeno imprevisto, passou a integrar a rotina dos redatores. O responsável pela elaboração do jornal organizava e distribuía as notícias que seriam dispostas em cada folha e ao concluir, encaminhava a cópia original para a impressão da edição do dia. Entretanto, ao chegar o momento final, surgia a questão: como realizar a impressão sem energia?

Foi essa a situação apresentada pelo *Folha da Manhã* no dia 26 de fevereiro de 1944. A nota também relatou que já enfrentavam essa situação há cinco dias consecutivos,

sem luz nos turnos vespertino e noturno, o que dificultava diretamente o andamento das impressões:

Há cinco dias que não temos luz e força à tarde e à noite. Nem ao menos para rodar a nossa máquina impressora e tirarmos uns números de jornais para cidade. O mestre faz a página e entrega ao impresso. Onde a luz e força depois para o jornal sair? Só no outro dia. Assim, é uma luta dos pecados. Tudo atrasado e prejuízos por cima de prejuízos. (Folha da Manhã. Aracaju, 26 de fevereiro de 1944, p.4)

Os leitores, por sua vez, ficavam privados de suas edições diárias. Para aqueles que buscavam o jornal durante a pausa no trabalho, no tempo ocioso, no café matinal ou nas rodas de conversa, sua ausência era sentida. Diante disso, o periódico apresentou um pedido de desculpas ao público.

Situação semelhante ocorreu no mês seguinte, quando o *Correio de Aracaju* noticiou: “É mais um dia em que pedimos desculpas aos nossos distintos leitores”. A espera prolongada e as falhas constantes no sistema elétrico tornaram a situação cansativa e impaciente tanto para os redatores, quanto para os leitores.

## **2.4 Entre a carestia e a expectativa de melhoras**

A cidade foi impactada das mais diferentes formas, incluindo a carestia. Com o aumento significativo e contínuo dos preços de produtos essenciais, especialmente os gêneros alimentícios, os cidadãos encontraram dificuldades para ter acesso a esses itens. Ao que as fontes indicam, o alto custo de vida já assolava Aracaju muito antes da entrada do Brasil na Guerra. Entretanto, conforme Andreza Maynard (2022), a guerra foi utilizada para tudo o que tornava a vida dos cidadãos mais difícil.

A fim de compreender os efeitos da elevação dos preços dos gêneros de primeira necessidade no cotidiano aracajuano, procedeu-se a uma análise comparativa baseada em dois tabelamentos divulgados pela imprensa local. O primeiro refere-se ao final do ano de 1942, momento em que o Brasil já se encontrava oficialmente inserido no contexto do conflito mundial. Já o segundo, data de 1945, ano que assinala o desfecho da guerra.

Essa comparação permite não apenas observar a variação dos preços ao longo do período, mas também compreender como a carestia se intensificou à medida que a guerra avançava, impactando diretamente as condições de vida da população.

| <b>Alimentos</b>  | <b>Preço (1942)</b> | <b>Preço (1945)</b> |
|-------------------|---------------------|---------------------|
| Xarque            | Cr\$ 6,80           | Cr\$ 16,00          |
| Toucinho          | Cr\$ 5,50           | Cr\$ 8,00           |
| Carne de porco    | Cr\$ 4,80           | Cr\$ 9,00           |
| Ovos              | Cr\$ 2,20           | Cr\$ 4,80           |
| Inhame            | Cr\$ 0,60           | Cr\$ 1,20           |
| Feijão de 1 litro | Cr\$ 0,80           | Cr\$ 1,80           |

**Tabela 1.** Preços médios dos alimentos vendidos em Aracaju (valores em cruzeiros). Fontes: Diário Oficial. Aracaju, 4 de dezembro de 1942, p. 7 e o Correio de Aracaju. Aracaju. 10 de janeiro de 1945, p.6

A análise de dois tabelamentos de preços, divulgados pela imprensa local entre dezembro de 1942 e janeiro de 1945, permite vislumbrar, em perspectiva, as transformações no custo de vida em Aracaju ao longo dos anos finais da Segunda Guerra Mundial. O primeiro, foi divulgado pelo *Diário Oficial* e elaborado em 1942 pela Comissão de Tabelamento, órgão instituído pelo governo com a finalidade de regular e conter os preços em meio à conjuntura de crise.

Em contraste, o levantamento publicado em 1945 pelo *Correio de Aracaju* aproxima-se mais diretamente das práticas cotidianas da população. Em 10 de janeiro daquele ano, o jornal publicou a experiência de um repórter que foi até o mercado a fim de registrar que os gêneros de primeira necessidade eram adquiridos “a preço de ouro”.

Mediante aos insistentes apelos dos moradores, o periódico revelou não apenas a elevação dos preços, mas também as dificuldades de acesso aos alimentos, evidenciando o cenário da carestia. “Os consumidores, por sua vez conservam-se com humildade, como se em lugar de irem comprar a preços tão elevados, fossem pedir por caridade, por compaixão”.

A comparação entre os dados dos dois períodos explicita um aumento expressivo nos preços dos alimentos, sinalizando um contexto de inflação acentuada. De modo geral, observa-se que grande parte dos itens praticamente dobrou de valor ou até mais. A xarque, por exemplo, apresentou uma elevação particularmente significativa, passando de Cr\$ 6,80

para Cr\$ 16,00, enquanto a carne de porco também registrou aumento considerável, aproximando-se do dobro de seu preço inicial.

Produtos essenciais ao consumo cotidiano, como ovos, inhame e feijão, seguiram a mesma tendência de alta, indicando que o encarecimento não se restringiu a itens específicos, mas atingiu de forma ampla a alimentação da população.

Para os comerciantes locais, uma das estratégias adotadas foi acatar a carestia e utilizá-la como recurso para atrair a atenção do público. Nesse contexto, os jornais, que eram o principal meio de comunicação acessível, tornaram-se espaços privilegiados para divulgação do comércio. Com base nas fontes, foi possível identificar estabelecimentos que se apropriaram do discurso da escassez como forma de atender às expectativas dos moradores, destacando a oferta de produtos mais acessíveis para o bolso do aracajuano.

A Casa Teixeira, localizada na Rua João Pessoa, “declarou guerra à carestia”. Publicado no dia 4 de janeiro de 1945 no *Correio de Aracaju*, o anúncio evidencia o uso recorrente do vocabulário bélico aplicado às ações do dia a dia, funcionando até mesmo como estratégia publicitária.

Segundo o anúncio, a loja acabara de receber um sortimento de peças de seda, apresentado como um grande atrativo para as senhoritas interessadas em adquirir produtos de qualidade a preços mais acessíveis. O estabelecimento não apenas dialogava com o contexto de guerra vivido pela população, mas também buscava se posicionar como agente ativo no enfrentamento das dificuldades econômicas.

Certeau (1998) explica que as “táticas” são práticas cotidianas desenvolvidas por indivíduos ou grupos que não detêm o controle das estruturas de poder, mas que, ainda assim, encontram maneiras de agir dentro delas. Ao que as fontes indicam, diante de uma carestia que assolava a população, sobretudo os mais pobres da cidade, é possível observar a adoção de diversas “táticas” no cotidiano, mobilizadas como formas de operar dentro dessas restrições.

Por outro lado, houve também comerciantes que se aproveitaram do contexto da guerra para justificar o aumento dos preços. Alegava-se com frequência que o conflito mundial encareceu as mercadorias locais e dificultou o abastecimento. Apesar das justificativas, em muitos casos, essas dificuldades, na verdade, foram estratégias para aumentar os lucros no comércio local.

Ainda assim, nem todos queriam ver seus nomes associados a esse tipo de prática. Em março de 1945, o *Correio de Aracaju* publicou um aviso da empresa de máquinas de costura “Singer”, no qual se afirmava que os preços de seus produtos e peças não haviam sido alterados desde a entrada do Brasil na guerra. A empresa reconheceu que o estoque estava mais limitado, em função das dificuldades do período, mas destacava que “em defesa não só da economia popular como também do bom conceito de que goza a esta companhia, através de quase um século de atuação no Brasil, é feita esta declaração”.

Em maio de 1945, dias após o anúncio da derrota alemã pelas tropas aliadas, a imprensa local decidiu ir às ruas a fim de captar as opiniões de comerciantes e suas expectativas diante daquele momento carregado de perspectivas futuras. Em um diálogo realizado na firma Aguiar Irmãos, o repórter dirigiu algumas perguntas aos chefes da empresa:

— Como é agora? A guerra acabada... como vai ser?  
Um deles passou a mão na barriga e respondeu:  
— O fim da guerra é uma grande felicidade para todos nós.  
Pergunto, insistiu o repórter, em que situação ficará o comércio se haverá retraimento...  
— Até que nossos negócios, continuam sempre maiores. [...] A nossa casa tem o desejo de ser útil ao povo e a nação.  
O repórter queria um bate-papo mais longo. Não teve tempo. A casa estava cheia de fregueses. Agradeceu muito e saiu satisfeito. (Diário de Sergipe. Aracaju, 11 de maio de 1945, p. 5)

Os repórteres do *Diário de Sergipe* chegaram à casa Teixeira Chaves & Cia e depararam-se com uma enorme quantidade de fregueses. Sem entender o motivo de toda aquela agitação, procuraram esclarecimentos com o gerente da firma, o Antônio Ferreira Melo Couto, que afirmou:

Como era natural, subjugado o exército alemão, com a consequência determinação da guerra, todas essas dificuldades tendem a desaparecer sem demora. A nossa numerosíssima freguesia, antevendo tudo isso e alimentando a certeza de que os tempos normais não tardarão a voltar, veio, em massa, providenciar aquisição dos novos e superiores produtos que o Sr. Vê aqui expostos, de maneira que encheu todas as dependências do nosso vasto estabelecimento comercial. (Diário de Sergipe. Aracaju, 11 de maio de 1945, p.4)

O anúncio da derrota alemã, de certo modo, foi rapidamente associado à expectativa de melhores dias na capital e consequente uma normalização na economia. A grande movimentação de fregueses no comércio local reforça o sentimento coletivo de que haveria novas possibilidades para superar as dificuldades vividas naquele período.

Desse modo, o desfecho da guerra foi reforçado como um momento para regularizar as práticas cotidianas. Conforme a notificou o jornal: “a vitória aliada já começa a produzir os seus benefícios efeitos sobre o comércio sergipano e a contribuir com o maior desenvolvimento da vida econômica do nosso estado e da nossa gente!”

## CAPÍTULO 3: Dê lembranças ao Fuhrer

### 3.1 À espera do fim

Em uma sala pequena, aloja-se, sob a mesa, uma bola de cristal. Cercado por livros e objetos diversos, o cenário revela o mistério daquilo que pouco se sabe: o futuro. A pitonisa, de olhos negros e vagos, parece deter os segredos de tudo e de todos. Madame Beatriz afirma ler pelos astros e pelas mãos, colocando suas cartas à mesa como quem organiza destinos. Freire Ribeiro encontrava-se preparado para formular diversas perguntas técnicas. Surpreende-se, contudo, quando ela lhe solicita as mãos:

— Minha mão é muito vagabunda — disse ele.

A madame ri do comentário e passa, então, a narrar aspectos de sua vida:

— Viverá 31 anos — afirma Madame Beatriz.

Pronto para sua primeira pergunta, Ribeiro indaga:

— Quando terminará a guerra, Madame?

— Demorará ainda um pouco.

Sem recorrer à bola de cristal, Madame Beatriz explica que aquela pergunta lhe era feita com frequência, de modo que a resposta já parecia pronta:

— A guerra será ganha pelas Nações Unidas, isto não se discute. No entanto, ainda vai demorar. Muito sangue será derramado até o fim...

Não sabemos se Freire Ribeiro alcançou ou ultrapassou os 31 anos de vida que lhe foram previstos. Contudo, Madame Beatriz mostrou-se acertada ao afirmar que a guerra se prolongaria por mais algum tempo. Esse diálogo foi realizado com Freire Ribeiro, morador de Aracaju, em conversa com Madame Beatriz, publicado pelo *Correio de Aracaju* em 1º de fevereiro de 1945.

Para aqueles que desejavam obter mais informações sobre a guerra, Madame Beatriz costumava atender seus clientes em seu gabinete familiar, localizado na Rua de Campos, número 769, na capital. Em seus anúncios, dizia com destaque: “Passado! Presente! Futuro! [...] Não confundam Madame Beatriz com essas charlatães que aparecem por aqui e que andam pelas ruas de porta em porta”.

Naquele momento, as tropas aliadas avançavam sobre territórios anteriormente controlados pelas potências do Eixo. O exército alemão encontrava-se cada vez mais

enfraquecido, enquanto as estruturas do poderoso Terceiro Reich desmoronavam progressivamente.

Conforme indicam as fontes, o fim da guerra constituía uma das maiores indagações entre os moradores da capital. Dúvidas e inquietações atravessavam o cotidiano, levando a população a buscar respostas por diferentes meios. Diariamente, os jornais transmitiam o andamento do conflito: as batalhas, as fatídicas mortes, bem como a lenta derrocada da Alemanha nazista.

A guerra, que anos antes se fizera presente nas águas do litoral sergipano, estabeleceu uma conexão direta entre a população e o maior conflito do século XX. Os cidadãos acompanhavam atentamente os desdobramentos da guerra, desejando a derrota do nazismo e ansiando, principalmente, a paz.

Quanto mais o tempo passava, mais ansiosos ficavam os moradores, faltava pouco para a queda de Berlim, e Aracaju festejaria da forma mais gloriosa. O dia da vitória, mesmo não havendo uma data certa, já estava sendo planejado. Em abril de 1945, a “comissão promotora das comemorações populares pela queda de Berlim”, deixou organizado os primeiros momentos daquele dia:

A este sinal convencional deverá seguir-se o bimbalar dos sinos das nossas igrejas, sirenas, buzinas de automóveis estacionados ou não, apitos de fábricas, de trens da Leste e de todo o mais que possa concorrer para mobilizar rapidamente o povo e atraí-lo para as ruas centrais da cidade. O local de concentração popular para a passeata e para a realização do comício será a Praça Camerino em horas que serão devidamente anunciadas por meio de cartazes na Rua João Pessoa. A Comissão apela também para o Comércio no sentido de cerrar suas portas e participar das grandes comemorações, logo que a notícia oficial seja conhecida. (Correio de Aracaju. Aracaju, 27 de abril de 1945, p.6)

Naqueles últimos dias do mês de abril, os telegramas que chegavam a Aracaju, sobretudo por meio da agência internacional *United Press*, notificavam os moradores sobre um acontecimento urgente. Circulavam, por toda a Europa, boatos insistentes de que Hitler estaria morto. Algumas versões afirmavam que o líder nazista havia sido morto por tropas russas durante a batalha de Berlim, outras sustentavam que sua morte foi sua última estratégia de propaganda, sugerindo que ele já teria falecido desde o dia 24 de abril, mantendo esse fato em segredo.

Entre os dias 2 e 3 de maio de 1945, o rádio transmitiu, ao mesmo tempo em que os jornais preenchiam suas páginas com manchetes entusiásticas, a notícia que marcaria

definitivamente aquele momento: Berlim havia caído, estava anunciado o fim do Terceiro Reich. O *Correio de Aracaju* informou: “Berlim uniu, assim, sua sorte à do Fuhrer que tombou, anteontem, à tarde, ou seja, cerca de vinte e quatro horas antes da queda da capital nazista”.

Hitler e o poder nazista haviam sido esmagados, e a rendição incondicional foi o desfecho inevitável na Segunda Guerra. Era a vez da população celebrar o fim do homem que mobilizou o mundo em uma das guerras mais violentas da história. As batalhas começavam a se dissipar, e a paz tornava-se, enfim, uma possibilidade concreta. Aracaju, ainda que distante dos *fronts*, acompanhou atentamente o desfecho do conflito, vivenciando, à sua maneira, o fim da guerra.

### **3.2 É anunciada a queda**

Todos que podiam reuniam-se ao redor do rádio, na expectativa do anúncio oficial de que o líder da Alemanha nazista, Adolf Hitler, estava morto. Naquele instante, enquanto os aparelhos transmitiam notícias detalhadas sobre os acontecimentos mundiais, sobretudo, sobre a morte do Fuhrer, deu-se o apagão. Aracaju mergulhou-se na escuridão total. Os rádios silenciaram abruptamente e aqueles que aguardavam por novas informações curvaram-se entre o desânimo e a inconformidade.

Jovens e senhoritas, idosos e adultos, reunidos em torno do rádio, agora em meio às trevas, passaram a reclamar, tomados pela irritação, da desorganização dos Serviços de Luz e Força de Aracaju (SLFA), e da constante falta de energia elétrica na cidade. A capital que tanto aguardava por aquele anúncio viu-se, subitamente, isolada do mundo, não por escolha própria, mas como resultado da ausência de providências diante do problema tão frequente.

Logo mais, surgiram boatos nos jornais. O *Sergipe Jornal* afirmou que não fora mera coincidência a interrupção da energia naquele exato momento, mas talvez uma consequência da procedência germânica dos motores e eixos utilizados pela usina de Aracaju, os quais, ironicamente, “não queriam concorrer para a disseminação de notícias anti-nazistas, da morte de Hitler e da rendição incondicional”.

Apesar da circulação dessas interpretações, era consenso que a responsabilidade recaía sobre os SLFA. Mesmo diante de mobilizações e promessas de melhoria no serviço, os eixos e maquinários continuavam a falhar constantemente. Promessas eram feitas, mas

não cumpridas. O descontentamento popular tornou-se cada vez mais evidente, quando em 3 de maio de 1945, o *Sergipe Jornal* notificou: “O povo quer luz para as ruas, luz para as suas casas, energia para suas indústrias, luz e força para viver como sempre viveu [...]”.

Com a confirmação oficial da queda de Berlim e da derrota definitiva das tropas alemãs, os moradores de Aracaju iniciaram, enfim, suas comemorações. A noite caiu, mas não se via qualquer sinal de desânimo nas ruas.

Conforme informou o *Correio de Aracaju*, noite de 2 de maio de 1945, iniciou-se com o carro sonoro da “Empresa Guaraní”, que percorria a cidade transmitindo marchas patrióticas, como “A canção do expedicionário” e o Hino Nacional Brasileiro. Tomados pela euforia, os moradores seguiam o som, acompanhando-o no ritmo das músicas que ecoavam pelas ruas. De acordo com as fontes, a população concentrou-se em uma das principais vias da cidade, a Rua João Pessoa, estendendo-se também às praças Fausto Cardoso e Camerino.

Tratava-se de um momento de regozijo e celebração, mas também de expressão pública desses sentimentos. Por isso, foi concedida a palavra a cidadãos como Pedro Dias, João Vieira de Aquino, entre outros oradores. “Ao calor da palavra de vários oradores populares, o povo vibrou intensamente, manifestando a sua alegria pela derrota final das forças do Terceiro Reich”

Aqueles que estavam nas portas e janelas de suas casas e mostravam estar mais acuados para acompanhar a movimentação, eram constantemente convidados a se juntar à multidão. Nomes como Stálin (1878-1953), Churchill (1874-1965), Truman (184-1972), Roosevelt (1882-1945) e até mesmo Carlos Prestes (1898-1990), eram entoados e celebrados como “soldados do povo”. À medida que o cortejo avançava pelas ruas, mais pessoas se somavam ao grupo.

Partindo da Praça Camerino, a multidão seguiu pela Rua Pacatuba e, ao chegar à Praça Fausto Cardoso, encontrou um contingente ainda maior de moradores. Em meio à celebração, todos foram surpreendidos por uma repentina chuva, que não foi capaz de acabar com o entusiasmo popular.

Na ocasião, o Dr. Hernâni Prata fez uso da palavra, reforçando o tom cívico e comemorativo do evento. Em seguida, os presentes percorreram a Praça General Valadão e a Avenida Rio Branco, retornando, por fim, à Praça Fausto Cardoso. Para encerrar aquela

noite memorável, reuniram-se em frente ao edifício da antiga Assembleia, onde, em uníssono, entoaram o Hino Nacional Brasileiro.

Na manhã seguinte, alguns moradores foram surpreendidos por uma ação inusitada. Realizava-se pelas ruas, o enterro simbólico para Hitler. Segundo o *Correio de Aracaju*, os jovens da capital organizaram um funeral para o líder nazista, como maneira de declará-lo vencido, não apenas pela derrota militar, mas também por sua própria morte. “O féretro saiu da Casa Funerária Salmeron, percorrendo as principais ruas da cidade, onde se percebeu o verdadeiro entusiasmo de todas as classes sociais, que neste momento comemoravam uma grande derrota do Eixo”.

Tratava-se de uma atitude carregada de significado para aqueles que acompanharam, ainda que a distância, as decisões violentas e desumanas do regime nazista. O enterro de Hitler foi uma forma simbólica de marcar o término do Terceiro Reich e afirmar, enfim, o fim da Alemanha nazista.

A alegria e o alívio não se fizeram presentes apenas nas ruas. Por meio das palavras e da poesia, esses sentimentos também foram amplamente expressos. Conforme De Luca (2008), a sensibilidade literária é uma das formas de compreender o tempo, o personagem e a narração na história. Logo após a divulgação da notícia oficial, o jornal *Correio de Aracaju* publicou um poema de autoria de Rodolpho Fernandes, no qual se traduziam, em versos, as emoções que atravessavam a população naquele momento:

#### **ENFIM!**

Enfim! Enfim chegou o suspirado do dia  
Quando raiou na Europa o sol da Liberdade  
E da Alemanha hostil a tórva tirania  
Deuxou de amar amargurar a livre humanidade!

Vencido faz por terra o monstro que vivia  
Fazendo todo mal, no campo e na cidade,  
E o pranto e o luto e a dôr sem tréguas promovia  
Entre flagícios mil e negra atrocidade!

Caiu Berlim! Caiu! Caiu na luta inglória  
Com que sangue e angústia enchia toda a terra,  
Levando-a a percorrer uma penosa trajetória...

O mau nazismo, pois, vencido foi na guerra;  
E agora e para sempre a maldição da História  
Cobe-lhe o nome vil, que tanto horror encerra!

ARACAJU, 3 de maio de 1945.

Para a noite do dia 3 de maio, todos já tinham um compromisso marcado: o comício da vitória, que teria início às 20 horas, na Praça Camerino. Entretanto, ao longo do dia, as chuvas se intensificaram, prolongando-se por horas e deixando as ruas alagadas. Ventos frios e chuva constante acabaram impedindo a realização do comício.

Ainda assim, alguns moradores dirigiram-se ao local no horário estabelecido, aguardando o início da programação. Na ocasião, o senhor Carlos Garcias, presente no local, explicou a impossibilidade de dar seguimento ao comício em celebração à queda de Berlim. Assim, informou o Correio de Aracaju: “A comissão promotora tomará frente das comemorações populares e dará então um comício em dia, hora e local que serão anunciados por cartazes afixados na Rua João Pessoa”.

### **3.3 O Dia da Vitória celebrado**

No dia 8 de maio de 1945, as ruas da cidade amanheceram cheias de gente. O comércio estava de portas fechadas, as escolas não abriram e a multidão só aumentava. Apesar das chuvas que continuaram a cair, o entusiasmo dos moradores permanecia intacto.

Às 10 horas da manhã, ouviu-se o primeiro estrondo ressoar, eram os fogos que estavam no ar. Os sinos badalavam e o povo vibrava de emoção, era anunciada a rendição incondicional da Alemanha. As pessoas amontoavam-se na Praça Fausto Cardoso e na Rua João Pessoa, com os olhos vivos de alegria, observando o espetáculo de explosões no céu. Subitamente, a banda musical da Força Policial do Estado chegou para se somar às comemorações.

Conforme anunciou o *Sergipe Jornal*, naquele dia, o povo esqueceu as dificuldades que enfrentava diariamente. Deixaram de lado os problemas que a cidade atravessava, como a falta de luz, o transporte precário, a carestia e o racionamento. Era o momento de celebrar e de, ao menos por instantes, mascarar a tristeza.

Rapazes e senhoritas, indústrias e comerciantes, estudantes e empregados, todos reunidos com um propósito de comemorar o iminente fim da Segunda Guerra Mundial. Todos prosseguiram a caminhada pelas principais ruas da cidade ao som de canções e marchas patrióticas. O pandeiro, clarinetes, reco-reco e trompetes que estavam guardados,

agora faziam bom uso dos instrumentos. O carro de som da “Empresa Guarany” também se fez presente e rapidamente formaram-se blocos carnavalescos.

O grande “V” da vitória era conduzido pelas senhoritas da sociedade, enquanto, ao redor, a criatividade do povo manifestava-se livremente. Era o momento de a população expressar sua felicidade das mais diversas formas. Multiplicavam-se representações de Hitler que mesclavam humor, chacota e ao mesmo tempo certa seriedade.

Para compor a festa, avistava-se também um grupo de rapazes vestidos de moças, carregando um estandarte no qual o Fuhrer aparecia ardendo em uma fogueira, acompanhado da inscrição: “O fim de todos os ditadores”. Comemorações como essas abriam espaços de relativa liberdade para o povo que, até então, encontrava-se submetido às diretrizes morais do Estado Novo.

Nesses momentos, os moradores faziam bom uso do caráter festivo para que temporariamente subvertessem as normas e liberassem práticas contidas no cotidiano. Rapazes trajando vestimentas femininas, naquela época, não apenas contrariavam a moral vigente, mas também rompiam com o modelo de masculinidade associado ao ideal de homem que tinha uma boa conduta.

À frente, quem conduzia a multidão era o ditador Mussolini, não em carne e osso, mas em farrapos. Havia preparado um grande boneco de pano que era a personificação do falecido ditador. Enquanto isso, a multidão o seguia cantando uma música endereçada para o seu antigo aliado, Hitler:

Quem é que usa cabelinho na testa  
E o bigodinho que parece mosca  
Que só cumprimenta levantando o braço  
ê, ê, ê, palhaço...

A música “Quem é o Tal?” foi lançada em 1942, logo após o Brasil romper suas relações com as potências do Eixo. A canção descreve de forma satírica, as características inconfundíveis do antigo Fuhrer.

Valendo-se da ironia e do deboche, ridiculariza o ditador ao evidenciar traços marcantes de sua imagem, como o bigode e a saudação nazista. Chamá-lo de “palhaço” é uma forma provocativa e debochada de evidenciar que seus ideais e ambições, na verdade, não passavam de um propósito risível, e enquanto isso, sua autoridade e grandeza se esvaíam.

Em 11 de maio de 1945, o *Correio de Aracaju* escreveu que desde a fundação da cidade, nunca se tinha visto tantos oradores populares discursarem. “Nos bares e nas ruas eles apareciam, falando, muitas vezes mai de dois, na mesma hora e no mesmo local”.

Os céus também estiveram em festa. O Aero-Clube não deixou de prestar suas homenagens. Enquanto o povo ocupava as ruas, cantando, erguendo cartazes e exibindo bonecos de Hitler, os aviões do Aero-Clube sobrevoavam a cidade. De baixo, os moradores erguiam os olhos e contemplavam o espetáculo: confetes e boletins eram lançados do alto, espalhando-se pelo ar e juntando-se à festa. Conforme declarou o *Sergipe Jornal*: “Assim, em terra e no ar, Aracaju rendeu”.

### **3.4 E a festa continuou**

No dia seguinte, a cidade voltou a despertar em clima de celebração. Mais uma vez, os moradores saíram de suas casas e voltaram para as ruas com a alegria e entusiasmo do dia anterior. Aracaju prolongou a vitória, afirmando que a derrota da Alemanha e consequentemente o fim da guerra, era um marco que não caberia comemorar em um único dia.

Conforme anunciou o *Correio de Aracaju*, por volta das 15 horas teve início uma passeata cívica que reuniu importantes instituições de ensino da capital, entre elas o Colégio Estadual de Sergipe, a Escola Normal “Rui Barbosa”, o Ginásio “N. S. de Lourdes”, o Ginásio “Tobias Barreto”, o Ginásio Salesiano, o Educandário “Jackson de Figueiredo”, além de alunos da Escola Industrial “Coelho e Campos”, da Cidade Social de Menores G. Vargas e da Escola Industrial de Sergipe.

Além disso, a manifestação contou ainda com a participação de diversos sindicatos, como os de padeiros, fiação e tecelagem, gráficos, carroceiros, estivadores, marítimos, construção civil e indústria de calçados.

Mesmo com as chuvas persistentes, a passeata seguiu seu curso. Bandeiras foram erguidas, enquanto estudantes e operários exibiam cartazes com palavras de celebração e manifestações políticas. Entre elas, destacavam-se frases como: “Nazismo e integralismo torpedearam nossos navios”; “Ao sergipano da F.E.B., o nosso especial carinho”; “Salve o glorioso exército russo!”; “Glória eterna aos heróis que tombaram na luta pela liberdade”; “Aos democratas de todo o mundo o nosso abraço fraternal” e “Queremos eleições livres”.

É válido destacar que, naquela época, o regime varguista já caminhava para um colapso iminente. Naquele cenário de guerra que o país estava inserido, havia uma grande ironia. O Brasil participava de uma guerra contra potências de governos ditatoriais, em nome da liberdade e da democracia, enquanto internamente sustentava um regime de caráter semelhante.

Capelato (2003), explica que o Estado Novo passava por uma variedade de contradições políticas-ideológicas, e que no final do conflito existia claros sinais de que o regime estava debilitado. O descontentamento, tanto no âmbito econômico quanto social, tornou-se cada vez mais evidente. O DIP e seus mecanismos de censura, embora ainda operantes, já não produziam os efeitos desejados. As manifestações de insatisfação passaram a aparecer com frequência, seja nas páginas dos jornais, seja nas passeatas cívicas pelas ruas.

À noite, na sacada do Palácio do Governo, o interventor Augusto Maynard dirigiu-se ao povo com seu discurso. A chuva continuava a cair e ainda assim, os moradores permaneciam à espera do início de sua fala. A empresa Guarani estava à frente do controle dos equipamentos sonoros, garantindo que as palavras do interventor alcançassem a multidão reunida.

O interventor Maynard iniciou seu discurso, mas um impasse logo interrompeu o momento. Um dos fusíveis da corrente elétrica que alimentava o amplificador queimou e comprometeu a continuidade da sua fala. Diante dos contratempos daquela noite, o povo despediu-se dos festejos com um belo espetáculo de fogos de artifício, patrocinado por Pedro Barros. Assim, encerraram-se as comemorações da vitória contra o Eixo.

Entretanto, não poderiam deixar que as palavras do interventor se esvaíssem sem deixar o registro de seu discurso impedido. No dia 11 de maio, o *Diário de Sergipe* publicou em sua primeira página o discurso completo:

Sergipanos:

Justo é o vosso contentamento. Está destruído, talvez, para sempre, o maior instrumento de opressão de que há notícia na história da humanidade. Chamo, apesar de militar, de instrumento de opressão, a maior e melhor organização militar do mundo, por que os exércitos totalitários sempre fugiram à verdade verdadeira finalidade dos exércitos democráticos [...] Não escutamos as restrições impostas pela própria segurança nacional, tampouco o adiamento de preceitos constitucionais, irrealizáveis por motivos decorrentes da própria guerra, e por não confessar, da nossa deficiência educação democrática e política. Não se educa democraticamente um povo com oradores de praça pública de faces

enrubescidas e punhos cerrados. (Diário de Sergipe. Aracaju, 11 de maio de 1945, p.1)

Se porventura, acharam que as palavras do interventor seriam prestigiadas pelo povo, estavam completamente enganados. Os jornais teceram suas críticas sem que houvesse censura em suas palavras. O *Sergipe Jornal*, por exemplo, escreveu que o interventor não pôde concluir sua fala devido aos problemas técnicos, mas que desejava na verdade, que ninguém tivesse ouvido ou lido as palavras espontâneas do interventor:

Em tudo por tudo foi sumamente infeliz esse discurso. Primeiramente, o sr. Interventor federal, com espanto da enorme multidão, classificou o exército alemão de “maior e melhor organização militar do mundo [...] o Sr. Interventor federal é que não devia ter elogiado o exército alemão no Dia da Vitória! Como se vê o Sr. Interventor Federal foi muito infeliz no seu discurso. (Sergipe Jornal. Aracaju, 12 de maio de 1945, p.1)

Já no *Correio de Aracaju*, a crítica negativa ao regime também apareceu de forma direta. O jornal destacou que o fato de não exaltarem o nome do interventor ou de outras autoridades locais se devia porque “povo se sentiu livre, manifestou-se como lhe aprouve e só viveu os nomes que quiz, sem encomendas nem preparo prévio”.

A expressão “sem encomendas nem preparo prévio” constituiu uma alfinetada evidente às práticas do governo varguista, que frequentemente organizava e dirigia celebrações cívicas cuidadosamente encenadas, nas quais o brilhantismo e espontaneidade popular eram, na verdade, planejados.

José Neto (2010) ao estudar as festividades cívicas em Pernambuco durante a interventoria de Agamenon Magalhães, evidencia como a propaganda oficial buscava construir a imagem de uma adesão popular espontânea. Contudo, essa suposta espontaneidade não passava de uma estratégia do regime para legitimar seu poder e reforçar a ideia de unidade nacional em torno do governo.

Desse modo, o *Correio de Aracaju* não apenas opinou sobre o evento, mas também contrapôs, de forma crítica, dois tipos distintos de mobilização e celebração popular: o que era espontâneo e o que era uma alegria encomendada.

O discurso do Interventor Augusto Maynard, oscilou entre uma aparente celebração da vitória e a exposição do seu descontentamento pessoal em face ao contexto que o país estava inserido. Maynard afirmou que existia uma deficiência na educação democrática e política no país. Na ideologia do Estado novo, cabia ao próprio Estado promover

transformações para a formação cívica da população, por isso, era um dever que cabia ao regime.

### **3.5 O Fuhrer está vivo?**

Adolf Hitler, condutor de uma guerra que deixou milhões de mortos e lançou o mundo ao colapso, tornou-se um nome que a História jamais esquecerá. O homem que iniciou sua trajetória com discursos em cervejarias pela Alemanha, conseguiu mobilizar multidões e convertê-las em adeptas do regime nazista, agora, estava morto.

Entretanto, ao contrário de seu antigo aliado, Benito Mussolini, por exemplo, cujo fim foi publicamente comprovado, o desfecho de Hitler não ofereceu ao mundo a mesma certeza imediata. Seu cadáver não foi exposto, não houve uma confirmação visual incontestável. Hitler certamente não desejava ter um fim semelhante ao do líder italiano.

Assim, mesmo após a notícia de sua morte, persistia, ainda que de forma difusa, uma dúvida inquietante: e se tudo não passasse de um plano cuidadosamente arquitetado? E se Hitler não estivesse morto, mas oculto, refugiado em algum lugar desconhecido? Diante disso, ecoavam perguntas inevitáveis como: o que teria feito o líder nazista? Para onde teria fugido?

Essas foram algumas das inquietações que atravessaram os jornais aracajuanos após o anúncio de sua morte. Em meados de maio de 1945, o *Correio de Aracaju* chegou a publicar uma coluna dedicada a essas incertezas. Persistiam dúvidas quanto ao verdadeiro desfecho de Hitler, afinal, não havia confirmação precisa das circunstâncias de sua morte, tampouco de quem teria executado o ato. Teria sido de fato um suicídio? Ou alguém teria lançado granadas e explosivos? Seria mais uma tentativa de assassinato, como a ocorreu em 1944?

Talvez, entre ruas, bares e esquinas, nas conversas ociosas durante as pausas do trabalho ou ao redor das mesas, houvesse quem sustentasse que Hitler ainda estava vivo. De todo modo, os boatos que circulavam pelos jornais afirmavam que diante do fanatismo em torno da figura do líder nazista, alguém teria preparado meios e estratégias para garantir sua fuga.

O próprio jornal sugeriu possíveis rotas de escape. Uma das hipóteses levantadas era a de que, antes da rendição incondicional e da ocupação total da Alemanha pelos

Aliados, um submarino alemão teria conduzido Hitler para países como Espanha, Portugal ou Argentina, nações que mantiveram neutralidade e alguma proximidade com o regime nazista.

Outra possibilidade era ainda mais intrigante. Segundo o jornal, Hitler teria se submetido a cirurgias plásticas, alterando completamente sua fisionomia. Sem o característico bigode, com o rosto modificado, poderia viver anonimamente, longe da vida política, protegido sob uma nova identidade em algum país disposto a acolhê-lo.

Dias depois, um telegrama chega à capital informando que Hitler estava escondido próximo da fronteira da Dinamarca com a Alemanha e que tropas aliadas já estavam numa caçada contra os “grandes vultos do nazismo”. Ainda assim, em meio a tantas especulações e incertezas, a realidade é que naquele momento, os restos mortais de Hitler e de sua esposa Eva Braun, estavam praticamente reduzidos a cinzas.

Richard Evans (2022) examinou cinco teorias da conspiração envolvendo episódios e personagens nos quais a imaginação paranoica se concentrou nos nazistas e em Hitler, entre elas os persistentes rumores sobre sua suposta fuga do bunker em Berlim, em 1945. O autor destaca que diferentemente de uma “fake news”, que consiste na distorção ou manipulação de informações, a teoria da conspiração “deve pressupor um grupo de pessoas tramando em segredo para levar a cabo uma ação ilícita” (Evans, 2022, p. 13).

Conforme o autor, Hitler rejeitou repetidas vezes os pedidos que lhe faziam para escapar do bunker e ir para um local seguro e distante, pois estava preocupado com algo que considerava mais importante: o seu lugar na história. Sua morte deveria ser vista como seu último ato heróico e propagandista.

Quando os soviéticos chegaram à Chancelaria e os corpos passaram por etapas de identificação e recolhimento, a análise dos vestígios indicavam que o Fuhrer havia morrido e que seu corpo tinha sido identificado. Entretanto, por instruções do próprio Stalin, emitiram um comunicado negando essas informações.

Para Evans, existia uma razão política para essa decisão, pois afirmar que Hitler estava vivo reforçava o argumento que era necessário ser duro com os alemães. Além disso, Stálin queria refutar a declaração emitida pelos nazistas informando que Hitler havia morrido como herói, mas tratá-lo como um covarde que viu a iminente derrota e fugiu com desgosto.

Entretanto, apesar de estudos consolidados, baseados em fontes e em testemunhos de indivíduos que estiveram com Hitler em seus últimos dias no bunker, não tardou para que teorias como estas, apresentadas acima, se tornassem públicas e passassem a ser amplamente compartilhadas até o presente.

A morte de Hitler e o fim do regime nazista em 1945, não representaram a extinção definitiva do fascismo. A luta antifascista deveria persistir e os estudantes sergipanos da época demonstravam estar atentos a essa continuidade. A partir do manifesto publicado pelo *Correio de Aracaju*, nota-se que os estudantes compreendiam que o fim da guerra não encerrava o nazismo, mas inaugurava naquele momento, uma nova etapa de vigilância e disputas ideológicas:

A nossa intenção neste manifesto é aumentar o nosso grito de guerra ao integralismo é reafirmar a nossa posição na vanguarda das fileiras de combate ao fascismo nacional e internacional. [...] Com a derrota da Alemanha fascista nasceu, para o mundo, uma nova era de esperanças. Porém a paz é a tranquilidade mundiais nessa nova etapa da história do homem não estão totalmente asseguradas, porque, vivo politicamente o fascismo, as suas ideias absurdas continuam se divulgando. (Correio de Aracaju. Aracaju, 5 de junho de 1945)

O Brasil, naquele momento, encontrava-se imerso em um cenário de transformações. A população já não aceitaria mais permanecer sob um governo autoritário que limitava o seu direito de escolha e liberdade democrática. O eco do fim da Segunda Guerra Mundial e a derrota dos regimes ditatoriais ao redor do mundo, também apontavam para o fim do Estado Novo e comando do presidente Getúlio Vargas desde 1937. Por outro lado, também representou a esperança por dias melhores. Conforme indicam as fontes, o anúncio do término da guerra foi acompanhado por um intenso entusiasmo popular, que se espalhou pelas ruas, pelos discursos e pelas múltiplas formas de expressão coletiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desfecho da Segunda Guerra Mundial, os acontecimentos de maio de 1945 em Aracaju revelam muito mais do que simples comemorações pelo fim de Hitler e do Terceiro Reich. As divulgações de notas sobre as ruas tomadas, os gestos espontâneos, cartazes e bonecos improvisados, evidenciam que os jornais não apenas noticiaram a celebração da derrota do nazismo, mas também projetavam nos informes, as novas possibilidades e esperança em Aracaju.

A falta de energia que Aracaju enfrentou em 1945 interrompeu o fluxo de informações e deixou a cidade, ainda que temporariamente, à margem dos acontecimentos. Os telegramas não chegavam, os rádios não ligavam, os jornais não eram impressos e as casas permaneciam em completa escuridão.

A euforia que tomou conta da cidade, que prolongou-se por mais de um dia, funcionou como uma espécie de suspensão temporária das dificuldades e restrições impostas pelo contexto local. Em meio à carestia, ao racionamento e à falta de luz, a festa abriu espaço para o riso e para a alegria. Através das caricaturas, das músicas satíricas, bonecos de pano e fogos pelo ar, a celebração foi carregada de simbolismo.

Ao mesmo tempo, esse clima de celebração convivia com tensões evidentes. O enfraquecimento do Estado Novo tornou-se cada vez mais visível, sendo diariamente estampado nas páginas dos jornais e percebido nas manifestações populares. O descontentamento dos moradores, que já vinha se acumulando ao longo dos anos, intensificou-se diante da contradição entre a luta do Brasil contra regimes autoritários enquanto permaneciam em um governo igualmente centralizador.

A análise das fontes mostrou que no período que sucedeu o fim do Terceiro Reich, os periódicos sergipanos alternavam em suas páginas, o andamento da situação política nacional e a derrota do nazismo. Em alguns dias, as manchetes principais concentravam-se em notícias sobre Hitler e os *fronts* internacionais e em outros, voltavam-se à atualização da população acerca do progressivo enfraquecimento do regime varguista.

Longe de representar o fim do nazismo, os acontecimentos de 1945 devem ser compreendidos como o início de uma nova fase. Ainda que derrotado no plano militar, o nazismo não foi completamente extinto. Ele resiste sob diferentes formas, persistindo até o tempo presente.

Conforme os periódicos aracajuanos, a cidade almejou e festejou a morte de Hitler e o fim do Terceiro Reich. Não obstante os torpedeamentos de agosto de 1942, Aracaju adaptou o seu cotidiano, e o conflito se fez presente no racionamento, na carestia, na mobilização do povo e nas águas do litoral sergipano. A vitória ali divulgada e celebrada não se limitou ao campo militar, mas de uma projeção de dias melhores, nos quais a paz parecia, enfim, uma possibilidade.

## REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**; traduzido por Vera Maria Xavier dos Santos; São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 3. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra. A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Geração Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

EVANS, Richard J.. **Conspirações sobre Hitler: o Terceiro Reich e a imaginação paranoica**. São Paulo: Crítica, 2022.

EVANS, Richard. Por dentro da Alemanha nazista. In: **Terceiro Reich na história e na memória**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

FERRAZ, Francisco César. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FERREIRA, J.; DELAGADO, L. A. N. (Orgs.). **O Brasil republicano. O tempo do nacional-estatismo. Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v.2.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GONÇALVES, Williams da. A Segunda Guerra Mundial. In: FERREIRA, J., REIS FILHO, D.A., ZENHA, C. (Orgs.). **O século XX: o tempo das crises – revoluções, fascismos e guerras**. Civilização Brasileira, 2005.p.165-194

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KERSHAW, Ian. **Hitler**. Rio de Janeiro: Companhia de Letras, 2010.

LOCHERY, Neill. **Brasil: os frutos da guerra**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. (in): PINSKY, Carla Bassanezi.(org). **Fontes Históricas**. 2.ed.- São Paulo.Editora Contexto, 2008.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho**. 2. ed. São Paulo, 2019.

MAYNARD, Andreza S.C.;BARBOSA, Caroline Alencar; MAYNARD, Dilton C. S.**Segunda Guerra: Histórias de Sergipe**. Recife: EDUPE, 2016.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **De Hollywood a Aracaju: antinazismo e cinema durante a Segunda Guerra Mundial**. Recife: EDUPE, 2021.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. MAYNARD, Dilton Cândido Santos (Org.). **Segunda Guerra Mundial: Apontamentos do tempo presente**. Recife: EDUPE, 2020.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. Editora UFS. São Cristóvão-Sergipe: 2013.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Noites de terror em mar e terra: o cotidiano em Aracaju (1942-1945). In: PEDREIRA, Flávia de Sá (Org.). **Nordeste do Brasil na II Guerra Mundial**. João Pessoa: Ideia, 2ª edição revista e ampliada, 2021, p.189-203.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. O Brasil sob ataque: Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge; LAPSKY, Igor (Orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

NETO, José Maria Gomes de Sousa. Eu fiz tudo pra você gostar de mim: As festas do Estado Novo. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; CABRAL,

Ricardo; FERRER, Jorge; LAPSKY, Igor (Orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

PANDOLFI, Dulce Chaves (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

PRIORE, Mary del. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

SHIRER. Willian. **Ascensão e queda do Terceiro Reich: o começo do fim (1939-1945)**. Rio de Janeiro: Agir, 2008. Volume II.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O século XX: entre luzes e sombras. In: **O século sombrio: uma história geral do século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.p.1-25.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O Terceiro Reich: o Império do Terror. In: SILVA, Francisco Carlos, MUNHOZ, Sidney (Coord.) **Impérios na História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.p. 271-280.

TOTA, Pedro. A Segunda Guerra Mundial. (In): MAGNOLI, Demétrio (Org.). **História das Guerras**. 5. ed. São Paulo. Editora Contexto, 2011.

#### **FONTES:**

Agressão: documentário dos fatos que levaram o Brasil à guerra. Rio de Janeiro: DIP; Imprensa Nacional, 1943.

Correio de Aracaju. Aracaju (1942-1945)

Folha da Manhã. Aracaju (1942-1945)

Diário Oficial. Aracaju (1942-1945)

Sergipe Jornal (1945)